

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS - MG

Instituto de Ciências da Natureza

Curso de Geografia – Licenciatura

LARISSA BRUNA DA SILVA

**AGRICULTURA FAMILIAR, PERMANÊNCIA DAS
FAMÍLIAS E A FORMAÇÃO DO BAIRRO RURAL
GOMES, NO MUNICÍPIO DE AREADO/MG**



Alfenas - MG

2021

LARISSA BRUNA DA SILVA

**AGRICULTURA FAMILIAR, PERMANÊNCIA DAS
FAMÍLIAS E A FORMAÇÃO DO BAIRRO RURAL
GOMES, NO MUNICÍPIO DE AREADO/MG**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como parte dos requisitos
necessários para a obtenção do Grau de
Licenciado em Geografia pelo Instituto de
Ciências da Natureza da Universidade
Federal de Alfenas- MG, sob orientação da
Prof.^a Dr.^a Ana Rute do Vale.

Alfenas – MG
2021

Banca Examinadora

Profa. Dra. Ana Rute do Vale – UNIFAL-MG

Msc. Letícia Almeida Araújo – UNIFAL-MG

Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves – UNIFAL-MG

Alfenas (MG), __/__/____

Resultado

“Por vezes, sentimos que aquilo que fazemos não é, senão, uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota”.

Madre Tereza de Calcutá

Dedicatória

Dedico a toda minha família, em especial aos meus pais e meu irmão por todo apoio ao longo desses anos, também aos amigos, professores e todos que ajudaram na elaboração deste trabalho.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por me ajudar a conseguir chegar ao final dessa graduação.

Aos meus pais Silvia e Lucas, que não mediram esforços para a realização desse nosso sonho, juntos vencemos todos os obstáculos e agora podemos enfim celebrar; e ao meu irmão Jean, pelo apoio e toda ajuda ao longo desses anos, eu amo vocês.

Aos meus familiares que estiveram presentes e me ajudaram durante esse percurso. Aos meus avós, principalmente meu avô Fernando pelas histórias, aos primos e tios, em especial ao Edson, a Tamara e a Tainá que me acolheram tornando possível essa graduação.

Aos colegas de curso da Geografia que tornaram esse caminho mais prazeroso, principalmente aos meus amigos Gabriel, Luana, Vinicius, Tatieli, Lucas, Graciele, Lauroany, Bianca e Welker, pelo aprendizado e companheirismo em todos os momentos.

Ao meu namorado Leonardo por me incentivar desde o começo a persistir no curso e a não desanimar pelo caminho, pela ajuda na elaboração dos trabalhos e por todo carinho.

Aos professores da Escola Estadual João Lourenço, que me acompanharam durante minha formação e também nos estágios, à saudosa ex-diretora Cida e aos professores da UNIFAL, sobretudo aos professores da Geografia por tantos ensinamentos ao decorrer da licenciatura.

A minha orientadora Ana Rute do Vale pela paciência, carinho e tanto aprendizado nesse percurso, que teve extrema importância para a realização deste trabalho e tem a minha total gratidão e admiração.

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram para o meu aprendizado e possibilitaram chegar até aqui, obrigada a todos.

Resumo

A busca pelo aumento da renda em atividades não-agrícolas vem aumentando pelas famílias que vivem no meio rural, sobretudo por conta das dificuldades enfrentadas pela agricultura familiar, principalmente pelas oscilações climáticas ocorridas no ano de 2021. Nesse sentido, torna-se bastante comum a adoção da pluriatividade, como ocorre no caso do bairro rural Gomes, situado no município de Areado no sul de Minas Gerais. Portanto, tornou-se necessário compreender o papel da pluriatividade na geração de renda da agricultura dessas famílias no bairro rural objeto de estudo. Foram realizadas entrevistas, apesar da pandemia do novo coronavírus (Covid-19), com o objetivo de resgatar a história do bairro e entender o porquê da permanência dessas famílias no espaço rural. Apesar das dificuldades encontradas pelos cafeicultores, o sentimento de pertencimento que carregam possui grande influência nas suas tomadas de decisões, e devido a toda dedicação à agricultura ao longo de suas vidas, eles não conseguem imaginar-se exercendo apenas atividades não-agrícolas.

Palavra-chave: agricultura familiar; bairro rural; permanência; pluriatividade.

Abstract

The search for increased income in non-agricultural activities has been increasing by families living in rural areas, mainly because of the difficulties faced by family farming, mainly due to climatic fluctuations in the year 2021. In this sense, it becomes quite common to adoption of pluriactivity, as in the case of the rural district of Gomes, located in the municipality of Areado in southern Minas Gerais. Therefore, it became necessary to understand the role of pluriactivity in the generation of income from agriculture for these families in the rural neighborhood object of study. Interviews were conducted, despite the new coronavirus pandemic (Covid-19), with the aim of recovering the history of the neighborhood and understanding why these families remained in rural areas. Despite the difficulties faced by coffee growers, the feeling of belonging they carry has a great influence on their decision-making, and due to all dedication to agriculture throughout their lives, they cannot imagine themselves exercising only non-agricultural activities.

Keywords: Family farming; rural neighborhood; permanence; pluriactivity.

Lista de ilustrações

Figura 01 – Mapa da mesorregião Sul/Sudoeste de Minas, microrregião de Alfenas do município de Areado/MG.....	12
Figura 02 – Mapa de localização geográfica do bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.....	27
Figura 03 - Imagem do Google Earth do bairro rural Gomes, no município de Areado/MG..	28
Figura 04 - Igreja de Nossa Senhora Aparecida do bairro Gomes, no município de Areado/MG.....	31
Figura 05 – Imagens do interior da igreja de Nossa Senhora Aparecida no bairro Gomes, no município de Areado/MG.....	32
Figura 06 – Antigo prédio da escola do bairro, sede atual da Associação dos Moradores do Bairro Gomes, no município de Areado/MG.....	34
Figura 07 – Festa da padroeira na igreja Nossa Senhora Aparecida do bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.....	40
Figura 08 – Salão de festas da Igreja do bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.....	40
Figura 09 e 10 – Bares no bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.....	42
Figura 11 – Efeitos das geadas do inverno de 2021, no cafezal em uma propriedade rural, no bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.....	49
Figura 12 – Pés de café erradicados depois da incidência de geadas, no inverno de 2021, em uma propriedade rural, no bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.....	50

Lista de gráficos, quadros e tabelas

Gráfico 01 – Tempo em anos que os cafeicultores se dedicam à cafeicultura no bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.....	43
Gráfico 02 – Forma de venda do café produzido.....	44
Gráfico 03 – Fontes de renda pelas famílias entrevistadas bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.....	45
Gráfico 04 – Renda obtida com atividades fora da propriedade familiar destinada à produção agrícola no bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.....	46
Gráfico 05 – A geada do inverno de 2021 como motivo para desistência da cafeicultura para os agricultores familiares no bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.....	50
Quadro 01- Perfil dos cafeicultores entrevistados no bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.....	36
Tabela 01 – Atividades não agrícolas exercidas entre os moradores do bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.....	47

Lista de siglas

ALAGO – Associação dos Municípios do Lago de Furnas

AMOG – Associação dos Moradores do Bairro Gomes

COOXUPÉ - Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMS – Organização Mundial da Saúde

PIB – Produto Interno Bruto

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

SUS – Sistema Único de Saúde

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. METODOLOGIA.....	16
3. BAIRRO RURAL, AGRICULTURA FAMILIAR E PLURIATIVIDADE.....	18
4. CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO RURAL GOMES.....	27
4.1. O processo de formação histórica do bairro.....	29
4.2. Estrutura demográfica e socioespacial do bairro.....	34
5. AGRICULTURA FAMILIAR NO BAIRRO RURAL GOMES.....	36
5.1. Estrutura fundiária, grupo familiar, atividades agrícolas e não-agrícolas.....	36
5.2. Relações de sociabilidade, práticas culturais e religiosas.....	39
6. A PLURIATIVIDADE COMO UMA ESTRATÉGIA DE REPRODUÇÃO SOCIAL DAS FAMÍLIAS.....	43
6.1. Tipos de atividades e rendas no bairro rural.....	43
6.2. A cafeicultura como geradora de renda ou herança cultural?.....	48
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	54
APÊNDICE 1- Roteiro de entrevista com os moradores mais antigos do bairro rural Gomes.....	56
APÊNDICE 2- Questionário aplicado junto aos agricultores familiares do bairro rural Gomes.....	57

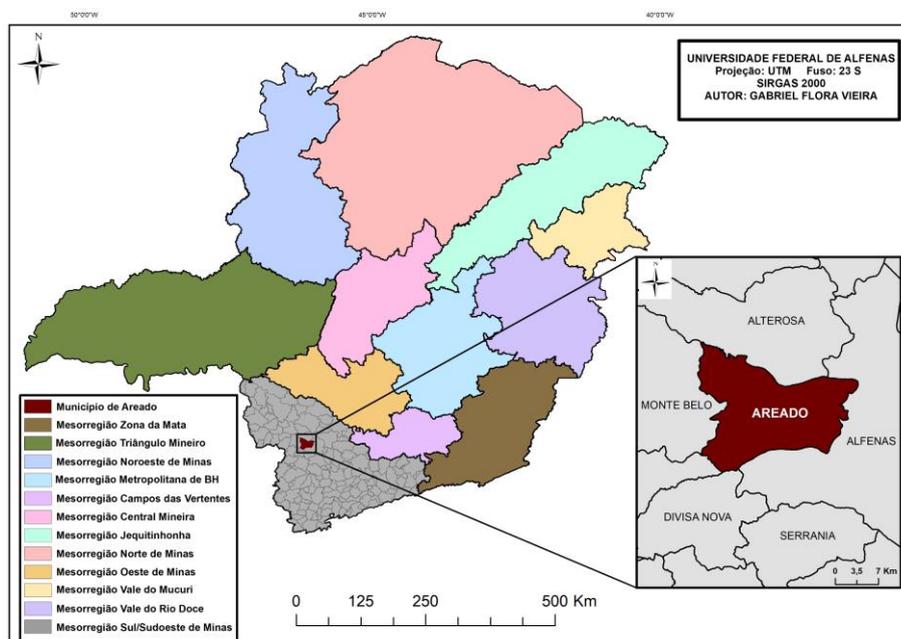
1. INTRODUÇÃO

A Geografia Agrária permite estudar aspectos de um bairro rural, tal como a realidade da agricultura familiar e a prática da pluriatividade, considerando as estratégias utilizadas pelas famílias para a obtenção de renda com atividades não-agrícolas.

O recorte espacial do bairro rural é fundamental para compreender não apenas as relações sociais entre seus moradores, como também a dinâmica dessa agricultura familiar. No caso dos municípios brasileiros, que possuem como sede pequenas cidades, caracterizadas pela forte presença da ruralidade, embora sua população rural esteja em processo de redução, estudar os bairros rurais torna-se bastante instigante, sobretudo para se ter noção dos motivos pelos quais esses moradores persistem na vida no campo.

Esse é o caso do bairro rural Gomes, localizado no município sul mineiro de Areado, pertencente à mesorregião Sul/Sudoeste de Minas e microrregião de Alfenas (figura 1), com uma área territorial de 283,124 km², população total estimada de 15.181 pessoas e densidade demográfica de 48.50 habitantes /km² (IBGE, 2020).

Figura 01- Mapa da mesorregião Sul/Sudoeste de Minas, microrregião de Alfenas do município de Areado/MG.



Fonte: SIRGAS (2000). Elaborado por Gabriel Flora Vieira (2021).

A escolha pela pesquisa no bairro Gomes se explica pelo fato de eu morar nele desde que nasci, e me intriga o fato de que, apesar de muitas famílias agricultoras terem membros que atuem em atividades não-agrícolas, que muitas vezes são a maior parte da renda familiar, eles continuam residindo no bairro e cultivando café.

O bairro pesquisado possui muitas lavouras de café, com ênfase na agricultura familiar. Com aproximadamente 100 moradores, segundo os entrevistados, me questionei sobre o porquê de continuar tão habitado, devido a sua proximidade com a cidade e os bairros pouco habitados com que faz vizinhança. Enquanto nos bairros vizinhos o êxodo rural está cada vez mais frequente, no bairro Gomes as propriedades continuam sendo valorizadas, atraindo novos moradores e retendo aqueles que nasceram, cresceram e ainda vivem no local.

Nesse sentido, é importante entender de que forma a pluriatividade acontece no bairro, qual a ligação entre as atividades agrícolas e não-agrícolas e como elas se complementam para gerar a renda dessas famílias. Também é necessário entender a importância da agricultura familiar para as famílias do bairro, no contexto do campo e da agricultura familiar no Sul de Minas Gerais, quais os impactos da produção de café no município e as outras atividades ofertadas na cidade, além das atividades desenvolvidas pelos moradores acerca do turismo após a implementação da Usina Hidrelétrica de Furnas.

O objetivo da pesquisa é compreender o papel da pluriatividade na geração de renda da agricultura familiar no bairro rural Gomes. Para tanto, tem-se como objetivos específicos: resgatar a história do bairro rural Gomes para compreender sua estrutura atual; caracterizar a agricultura familiar em termos de grupo familiar, estrutura fundiária, atividades agrícolas e não-agrícolas; analisar as relações de sociabilidade, bem como as práticas culturais e religiosas dessas famílias na sociedade rural; identificar as formas de desenvolvimento da pluriatividade nos grupos familiares do bairro; e investigar os motivos pelos quais, apesar da busca pela renda em atividades não-agrícolas essas famílias continuam cultivando o café.

Para o desenvolvimento da pesquisa é necessário resgatar a história do bairro para compreender a sua formação e como a história da cidade de Areado está interligada, na tentativa de compreender a razão da persistência e a prática da pluriatividade pelas famílias que residem no bairro rural Gomes, como esses dois aspectos estão conectados e como eles influenciam na estabilidade dos moradores.

O bairro rural possui aspectos que o caracteriza, como a relação de parentesco entre os seus moradores, o vínculo de amizade entre os vizinhos, bem como a cultura sertaneja e a prática da religiosidade como elemento aglutinador dessa sociedade rural.

Torna-se necessário caracterizar a agricultura familiar do bairro rural, em termos de grupo familiar, estrutura fundiária, atividades agrícolas e não-agrícolas para então compreender as formas de desenvolvimento da pluriatividade nos grupos familiares do bairro rural Gomes, e assim identificar os motivos pelos quais essas famílias continuam cultivando o café, apesar das dificuldades e falta de incentivo, apontando tendências futuras com relação à pluriatividade.

Para os agricultores do bairro rural Gomes, o café, apesar de ser considerado como uma questão cultural por passar de pai para filho e envolver o sentimento de herança cultural, se tornou uma fonte de renda extra, consolidando então a pluriatividade no bairro, pois a principal fonte de renda em 2021 muitas vezes se dá pela aposentadoria e pelas atividades não-agrícolas, como em serviços de hotelaria e serventes de pedreiro.

O objeto de pesquisa bairro rural Gomes contribui para o debate teórico e o conhecimento da realidade, além de possibilitar uma melhor compreensão do local, visto que ainda não possui estudos realizados. A estrutura do trabalho é dividida em quatro capítulos, que estão descritos a seguir.

O primeiro capítulo traz o referencial teórico sobre os principais conceitos que deram embasamento à pesquisa, sendo eles bairro rural, agricultura familiar e pluriatividade, a partir dos autores selecionados: BOMBARDI (2004); HALLEY (2014); SOUZA (2002); OLIVEIRA (2006); ABRAMOVAY (1997); SCHNEIDER e CASSOL (2014); WANDERLEY (2003); PLOEG (2014); HENIG (2019); SCHNEIDER (2003); SACCO DOS ANJOS (2001); CARNEIRO (2002); MATTEI (2008); MOREIRA (2007); SILVA (2016).

No segundo capítulo, a partir da entrevista com os moradores antigos do bairro, foi feita a sua caracterização e o levantamento da sua história conectada à história do município de Areado, para chegar à sua atual configuração, bem como sua estrutura demográfica e socioespacial e as características já definidas pelos autores que embasaram tal estudo.

No terceiro, busca-se caracterizar a agricultura familiar no bairro rural estudado, em termos de estrutura fundiária e a prática das atividades agrícolas e não-agrícolas. Também foram pesquisadas relações de sociabilidade, práticas culturais e religiosas pelos moradores, com destaque para a importância da igreja católica como ponto de encontro para práticas religiosas e festividades da comunidade.

E, por fim, no quarto capítulo apresenta-se a pluriatividade como uma estratégia de reprodução social das famílias do bairro rural Gomes, considerando os tipos de atividades pluriativas e sua participação na renda familiar. Além disso, procura-se responder o

questionamento sobre a permanência da cafeicultura no bairro com uma atividade geradora de renda ou como herança cultural, que por fazer parte da tradição daquelas famílias permanece coexistindo com rendas não-agrícolas, bem como discutido e aponta para o futuro desses cafezais, considerando os estragos provocados pela forte incidência das geadas do inverno de 2021.

2. METODOLOGIA

A pesquisa iniciou-se a partir de levantamento e revisão bibliográfica, referente aos temas agricultura familiar, pluriatividade e bairro rural nas bibliotecas da UNIFAL-MG e virtuais de outras instituições de ensino e pesquisa, bem como em artigos, livros e teses disponíveis em revistas eletrônicas.

Simultaneamente, foram levantados os dados secundários, junto à Prefeitura Municipal, Museu Municipal Monsenhor Faria de Areado e a Paróquia da cidade que concedeu informações do Livro do Tombo, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), em sites especializados e instituições afins.

A cidade de Areado possui poucas informações acerca de seus bairros rurais, bem como as suas histórias, dados demográficos, atividades econômicas, culturais e de lazer. Esse seria um dos focos de pesquisa do Museu Monsenhor Faria sob a nova gestão do atual prefeito, porém, em decorrência da pandemia do Covid-19¹, essa pesquisa precisou ser deixada de lado.

Por consequência, foi preciso elaborar uma pesquisa de cunho investigativo que caracterizasse tanto o município de Areado quanto o bairro rural Gomes, a partir de questionários e entrevistas com os moradores mais antigos do bairro e os cafeicultores, para colher informações que servissem de base para a continuidade da pesquisa.

O projeto foi desenvolvido a partir do uso da história oral, começando o trabalho para o desenvolvimento da pesquisa e coleta dos dados primários, foram realizadas entrevistas com antigos moradores do bairro rural Gomes, a fim de resgatar a história do local (apêndice 1). Vale ressaltar que, para o resgate histórico foram escolhidos 2 antigos moradores do-bairro Gomes, que atualmente residem na sede do município de Areado, sendo uma mulher de 73 anos e um homem de 81 anos. A proposta inicial era entrevistar uma quantidade maior de pessoas, uma vez que não existem registros históricos sobre os bairros rurais do município. No entanto, por tratar-se de pessoas idosas, muitas com problemas de saúde, optou-se por não visitá-las, diante do risco de contaminação pela Covid-19.

Para tanto, utilizou-se como instrumento de pesquisa a história oral “pois seria impossível chegar aos resultados esperados sem passar pela história de vida de uma pessoa”,

¹ Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em 19 ago. 2021.

“pois, não há como extrair hipóteses, experiências, relatos, de pessoas sem um contato direto com a mesma” conforme Carneiro (2012, p. 123).

Após o levantamento dessas informações, o passo seguinte foi a aplicação de um questionário semiestruturado junto a 6 pessoas responsáveis pelas propriedades rurais caracterizadas pela agricultura familiar (apêndice 2), os questionários foram aplicados durante o mês de agosto, após a forte geada que atingiu o bairro.

Do total de 12 agricultores familiares produtores de café residentes no bairro, foram escolhidos metade deles devido ao tempo que possuía para terminar a pesquisa, visto que a pandemia dificultou a realização da aplicação dos questionários, considerando a necessidade de distanciamento social. Sendo assim, optei pelas famílias mais conhecidas, que por conta da amizade, aceitaram participar.

Por conta da pandemia da Covid-19, as entrevistas foram realizadas e os questionários aplicados obedecendo aos protocolos de higienização, com máscaras, álcool em gel e respeitando o distanciamento social, seguindo os roteiros pré-estabelecidos.

As falas das entrevistas transcritas e os dados do questionário foram tabulados e analisados, sendo adicionados aos resultados dessa pesquisa. Desse modo, a partir do embasamento teórico, organização e análise dos dados levantados, foi elaborado o relatório final da pesquisa com as conclusões obtidas e propostas desenvolvidas de acordo com a realidade do local.

3. BAIRRO RURAL, AGRICULTURA FAMILIAR E PLURIAATIVIDADE

Para entender as relações existentes em um bairro, é preciso compreender sobre a formação do seu território. O conceito geográfico central de território pode ser entendido, conforme Raffestin (1993, p. 160) *apud* Bombardi, (2004, p.56), “como resultado da inter-relação estabelecida pelos três eixos de seu tripé: espaço, tempo e relações sociais”, sendo os três encontrados no bairro rural Gomes, objeto dessa pesquisa.

Para a referida autora, “a compreensão das relações sociais no campo é a base para o entendimento do bairro rural” que é composta pelas relações entre as famílias, a troca de trabalho e a solidariedade que sustenta a vida camponesa, junto com a aplicação de técnicas ao meio natural para a construção e manutenção do espaço (*ibidem*, p. 57). Nesse sentido, “o bairro rural deve, portanto, ser concebido como uma unidade territorial na perspectiva de que ele adquire uma caracterização homogênea: funciona como um todo, como uma unidade” (*ibidem*, p. 73), e “é justamente a unidade - que é em princípio social e que se transmuta em territorial – que proporciona o sentimento de “pertencimento” que os camponeses têm com relação ao Bairro Rural” (*ibidem*, p. 60).

Bombardi (2004) explica, ainda, que é essa identidade que faz com que os sitiantes desse bairro rural se reconheçam entre si, de forma que não é o tamanho da propriedade que indica sua condição de sitiante, mas o modo de vida o qual eles se organizam dentro dela. Tal espaço torna-se uma fração do território diferenciado, cuja apreensão pode se dar pelo olhar.

Nessa mesma linha teórica segue Halley (2014, p. 578), para o qual os bairros rurais são concebidos como “organizações rurais dispersas, estruturadas por grupos de vizinhança, e marcadas por uma consciência coletiva de pertencimento, emanada na convivência diária do homem do campo com seus parentes, vizinhos e parceiros”. Esse sentimento de pertencimento, segundo o autor, faz parte da identidade do homem do campo, uma vez que partir da conceituação do bairro rural unidade/identidade territorial, a territorialização camponesa pode ser compreendida de forma ampla, sendo possível ter noção do papel do campesinato em sua inserção no modo capitalista de produção (*ibidem*, p. 68).

Além disso, esse sentimento de pertencimento sustenta a vida no campo, seja pelas memórias, pelas histórias ou os valores sentimentais da terra. As famílias camponesas muitas vezes preferem a vida na roça, apesar das muitas dificuldades que ainda enfrentam, mas que trazem pequenas recompensas no dia a dia, como poder colher verduras e frutas na horta,

reunir com os vizinhos no alpendre ou apreciar as paisagens que ainda não foram modificadas pelo homem.

Recapitulemos analiticamente os elementos apontados mais alto como integrantes do conceito de bairro, começando pela base territorial, essencial à sua configuração... Mas além de determinado território, o bairro caracteriza-se por um segundo elemento, o sentimento de localidade existente nos seus moradores, e cuja formação depende não apenas da posição geográfica, mas também do intercâmbio entre as famílias e as pessoas, vestindo por assim dizer o esqueleto topográfico... (CANDIDO, 1987, p. 64-65 *apud* BOMBARDI, 2004, p.61).

A troca dos produtos originados da agricultura ou de favores durante o cultivo das plantações são exemplos de relações que sustentam a amizade entre as famílias e mantém a proximidade que são características da vida em uma comunidade rural. “As relações de vizinhança, porém, constituem entre a família e o povoado, uma estrutura intermediária que define o universo imediato da vida caipira, e em função da qual se configuram as suas relações sociais básicas [...]” (CANDIDO, 1987, p.58 *apud* BOMBARDI, 2004, p. 58).

Para melhor entender sobre um bairro rural, deve-se compreender, segundo Bombardi (2004, p.59):

[...] não sendo propriamente uma unidade morfológica, pois que abrange várias formas de dispersão, o bairro é na realidade uma célula de comunidade social onde existem certos tipos de relações sociais a lhe darem corpo: laços de parentesco ou de vizinhança, reforçados frequentemente pela existência de uma venda, capela ou escola cujo raio de ação marca comumente os limites do bairro... o pequeno proprietário sitiante, embora crie um povoamento disperso, está preso a uma certa unidade - o bairro - que corresponde a um certo fator geográfico que o torna distinto: a proximidade das casas e uma relativa concentração. Este fato é importante porque não se trata de uma dispersão em que o sitiante está isolado, em que suas relações com o meio só poderiam contar com recursos individuais...

Por mais que se tenha uma imagem pronta em mente sobre o bairro rural, é preciso também lembrar que ele passa por transformações que permitem a melhora na qualidade de vida de seus moradores, o que atrai muitas pessoas a se mudarem para ter uma vida no campo, porém sem ser necessário abrir mão das facilidades da cidade. Isso porque, segundo (SOUZA, 2002, p. 105), a existência de energia elétrica, transporte e comunicações, além da proximidade com as cidades, possibilita que a população possa deslocar-se diariamente para os locais de trabalho, no espaço urbano.

Apesar do conforto cada vez mais presente no bairro rural e da sua proximidade com as cidades, os sitiantes preferem que seus filhos tenham a oportunidade de estudar para que consigam ter um emprego e não precisem depender da insegurança da vida no campo e do cultivo das lavouras. Conforme o autor supracitado, os sitiantes “gostariam que os filhos estudassem para ter uma profissão que lhes garantissem uma fonte de renda fora” “e mesmo assim dessem continuidade à propriedade, pois acreditam que os agricultores familiares desempenham um papel muito importante para o desenvolvimento do país” (*ibidem*, p. 107).

De acordo com autores como Souza (2002) e Halley (2014), o bairro consegue ir além de uma simples formação social, da ocupação do território habitado e das práticas culturais desenvolvidas por seus moradores. As características citadas por Candido (1987) e Bombardi (2004) se encontram presente no dia a dia dos moradores, como, por exemplo, na relação entre os familiares e os vizinhos durante as trocas de favores ao longo das plantações de cada época e das respectivas colheitas, nos encontros semanais na capela para a reza do terço e da missa, na venda aos finais de semana para um jogo de futebol, que é uma das únicas formas de lazer dos moradores.

Além do trabalho familiar, a relação de trabalho predominante no Bairro é a parceria. Em uma unidade de produção camponesa, em um sítio camponês, todos os seus elementos são determinados pela estrutura familiar. Dessa forma, quando o número de braços da família camponesa é insuficiente para o cultivo da terra de que dispõem, eles lançam mão de algumas formas de suprir sua necessidade de trabalho (BOMBARDI, 2004, p. 83).

Essa parceria encontrada no bairro rural é sinal da presença da agricultura familiar, pois para que ela possa se desenvolver é preciso que a família assuma um trabalho coletivo tanto na tomada de decisões quanto no cuidado com a terra. Segundo Oliveira (2006, p. 161), a propriedade é dominada pelo proprietário, predominando as relações de parentesco, tendo como base a agricultura familiar que é o patrimônio de todos eles, onde vivem produzindo.

No desenvolvimento da agricultura familiar, segundo Gasson e Errington (1993, p. 20) *apud* Abramovay (1997, p. 74) os proprietários fazem a gestão e são responsáveis pelo cumprimento do serviço, o trabalho é sobretudo familiar, pois os envolvidos são ligados por laços de parentesco, o dinheiro pertence à família que vive na unidade, passando o seu patrimônio de geração em geração.

Para falar de agricultura familiar é importante compreender a sua definição, segundo Schneider e Cassol (2014, p. 237):

[...] constitui-se de uma família que trabalha em atividades agrícolas sob um pedaço de terra, em geral não muito grande, e nem sempre de sua propriedade legal. Este regime de trabalho em economia familiar gera uma produção agroalimentar que é utilizada para o auto abastecimento (autoconsumo), mas também (e cada vez mais) para a comercialização.

Para Wanderley (2003) “o agricultor familiar é, sem dúvida, um ator social do mundo moderno, o que esvazia qualquer análise em termos de decomposição do campesinato” (p. 47), que, então, “poderia ser entendido como sociedades camponesas e como agricultura camponesa” (p. 53).

O conceito de agricultura familiar no Brasil passou por grande evolução, sendo descrito mais atualmente por Ploeg (2014, p. 7) como aquela que “não se define somente pelo tamanho do estabelecimento, como quando falamos da agricultura de pequena escala, mas sim pela forma com que as pessoas cultivam e vivem. É por isso que a agricultura familiar é também considerada uma forma de vida”, que “é parte de um fluxo que une passado, presente e futuro, o que significa que cada estabelecimento familiar possui uma história cheia de memórias” (p. 8) “e, por ser o resultado do trabalho e da dedicação dessa geração e das gerações anteriores, o estabelecimento familiar normalmente é fonte de orgulho” (p. 9).

Esse argumento também é compartilhado por Wanderley (2003) que enxerga esse caráter familiar na gestão em família, reconhecendo a centralidade da produção para a manutenção da vida familiar, no trabalho coletivo dentro e fora da propriedade, nas práticas sociais e no interior da família, na preocupação com o futuro dos filhos e ao sucessor no cuidado com as terras.

A prática social da agricultura familiar é um momento no qual a família se reúne em trabalho coletivo para cuidar da casa, da terra, das plantas e dos animais, com intuito de cuidar da natureza e preservá-la, tirando dela o seu próprio sustento. Esse cuidado é passado de pai para filho, e eles se orgulham do seu trabalho por enxergarem o seu passado e fazer dele o seu presente, combatendo o êxodo rural e como forma de manter seus filhos por perto o máximo de tempo possível através do trabalho gerado pela agricultura familiar.

A agricultura familiar se vê assumindo um papel de destaque outrora lhe negado como importante ator social e segmento produtivo, capaz de gerar ocupação, emprego e renda, especialmente no meio rural. (HENIG, 2019, p. 131).

Desta forma, é preciso analisar a pluriatividade dentro da agricultura familiar, que é nos dias de hoje uma forma de permanência dessas famílias pequenas produtoras na vida da roça, confrontando o êxodo rural.

As famílias agricultoras, no entanto, também possuem outras formas de renda fora das atividades agrícolas que “podem ser assumidas com o objetivo de sustentar ou de dar suporte à unidade doméstica, ou ainda serem motivadas por considerações não relacionadas à agricultura” (SCHNEIDER, 2003, p. 103). “Muitos destes produtores possuem outros tipos de renda, principalmente de aposentadorias, além de rendas que provém de outras atividades” (SOUZA, 2002, p. 93).

A significativa participação de fontes de renda não-agrícola na constituição das rendas das famílias rurais. Tem-se constatado que as transformações do regime de dedicação do tempo de trabalho na agricultura, no sentido da diversificação de atividades, rurais ou não, estariam sendo bastante eficazes na composição da renda das famílias rurais. (SOUZA, 2002, p. 100).

Esse fenômeno, denominado por pluriatividade, é definido por Schneider (2003, p.102), como “combinação de uma ou mais formas de renda ou inserção profissional dos membros de uma mesma família”, em atividades exercidas dentro ou fora da propriedade familiar.

Para a ciência acadêmica, segundo Schneider (2003, p.22), a questão agrária até a década de 1980 possuía um maior enfoque visando “a produção agropecuária, os sistemas produtivos, o comércio e as trocas agrícolas, os padrões tecnológicos, a estrutura fundiária, a inversão de capital”. Porém, com o passar dos anos, o surgimento da divisão da relação entre o campo e a cidade foram além dos problemas entre política, economia e as diferenças de classe.

Por certo, a agricultura como atividade produtiva não perdeu sua importância e não deixou de ser parte integrante do mundo rural. O que está acontecendo, no entanto, é que o rural não mais se resume à atividade econômica agrícola, pois a ele passaram a incorporar-se, nas leituras analíticas e nas representações sociais, outras dimensões como a natureza, as famílias rurais, as paisagens, o patrimônio cultural e as tradições, entre outras. (SCHNEIDER, 2003, p. 22)

O termo pluriatividade pode ser considerado recente no Brasil. Segundo Schneider (2003, p. 101), “até meados da década de 1980, os termos *part-time farming* (agricultura em tempo-parcial) e *pluriactivité* (pluriatividade) eram utilizados quase sempre como sinônimos

pelos cientistas sociais”. Portanto, se torna necessário entender as definições de *part-time farming* (agricultura em tempo integral) e de monoatividade, para que então possamos diferenciá-los de *pluriactivité*, o que hoje conhecemos por pluriatividade.

No primeiro, a noção de *full-time farming* (agricultura em tempo-integral), utilizando-se, como critério de diferenciação, um determinado, embora arbitrário, corte de tempo de trabalho. No segundo, a noção de *monoactivité* (monoatividade), que se refere à forma de desempenho de uma atividade, o que, exatamente por ser “mono”, traz implícita a ideia de que o indivíduo ou a família ocupa a integralidade de seu tempo naquela atividade. Cada uma dessas noções tem uma trajetória analítica particular. Em essência, a agricultura “monoativa” ou em “tempo integral” são semelhantes e encerram o mesmo conteúdo, mas seus opostos diferem substancialmente (SCHNEIDER, 2003, p.102).

Os agricultores adotam a pluriatividade como prática em seu cotidiano como forma de aumentar o ganho mensal e completar a renda familiar, tornando-se necessário:

[...] reconhecer que, ao se propor um estudo das atividades não-agrícolas e da pluriatividade de indivíduos e famílias que residem no espaço rural e são proprietárias de pequenos lotes de terra – sendo por estas características chamados de “agricultores familiares” –, é mister que se faça uma avaliação da trajetória que levou ao aparecimento dessas denominações e a que grupos sociais se referem (SCHNEIDER, 2003, p.28-29).

Ainda nesse contexto, Sacco dos Anjos (2001, p. 56) acredita que:

[...] a pluriatividade emerge como indicativo de uma clara ruptura em face das representações usuais sobre a unidade de produção. Os estabelecimentos tipicamente ‘pluriativos’ seriam tanto aqueles que não são capazes de ocupar plenamente a força de trabalho residente, como também as situações em que o caixa da unidade de produção é igualmente alimentado por fontes de ingresso econômico extra-agrícolas, sejam estas provenientes da venda externa da força de trabalho e/ou mediante iniciativas levadas a cabo no interior das explorações que pouco ou nada têm a ver com as atividades agropecuárias.

A prática da pluriatividade como forma de permanência pelo pequeno produtor na zona rural está interligada, segundo Schneider (2014, p. 236-236), “a retomada do papel do movimento sindical após o fim da ditadura militar, ao papel dos mediadores, intelectuais e cientistas que debateram o tema em 1990, e ao papel do Estado e das políticas públicas que passaram a reconhecer esse setor e dar a ele visibilidade a partir da criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf)”. Nesse sentido, o autor

argumenta que as pequenas propriedades não correm o risco de desaparecer na sociedade moderna, nem vão ser substituídas por propriedades maiores, pois ela sempre irá manter os pequenos arrendatários (*ibidem*, 2003, p. 106).

Essa prática está se tornando cada vez mais comum nos bairros rurais, como no nosso objeto de estudo, o bairro rural Gomes. É uma situação recente, mas compreensível, visto que traz a oportunidade de complementar à renda com o lucro das lavouras, mas não depender exclusivamente dela, arriscando-se com as variações do clima ou as pragas.

Wanderley (2003), no entanto, atenta para ao fato de que, apesar de alguns autores considerarem que a pluriatividade seja um processo gradual que, aos poucos, tende a levar o abandono da atividade agrícola ou sua perda relativa com relação à reprodução social da família e, conseqüentemente, ao êxodo rural, seu ponto de vista é diferente.

[...] tal desfecho não é inexorável e o processo pode ser entendido num sentido inverso: a pluriatividade seria, neste caso, uma estratégia da família, com a finalidade de – diversificando suas atividades, fora do estabelecimento – assegurar a reprodução desse e sua permanência como ponto de referência central e de convergência para todos os membros da família. A esse respeito, julgo muito importante distinguir o significado da pluriatividade exercida pelos diversos membros da família. Com efeito, o trabalho externo do chefe do estabelecimento é a base da verdadeira pluriatividade. Um estabelecimento familiar é pluriativo se o seu chefe trabalha fora (*ibidem*, p. 52).

Sacco dos Anjos (2001, p. 55) vai além, ao considerar que a pluriatividade é “um novo instrumento de compreensão das transformações porque passam, não só a estrutura agrária e o mundo rural deste país, mas, sobretudo, a própria sociedade contemporânea”. Como um marco da agricultura contemporânea, ela une o orgulho do produtor rural em trabalhar no campo com a necessidade de buscar uma renda extra para ajudar nas despesas de casa. Para Carneiro (2002), o trabalho desenvolvido na agricultura familiar pode ser feito por um ou mais trabalhadores daquela família, o que vai depender da disponibilidade de acordo com as atividades concorrentes nos trabalhos externos à propriedade.

Dessa forma, a pluriatividade pode trazer essa possibilidade de conciliar a vida camponesa com o trabalho fora do bairro rural, e isso desperta possibilidades para aumentar a renda das famílias que estão inseridas nesse contexto. Os pais podem trabalhar fora e os filhos tomam conta das terras, ou vice-versa, pois, segundo Carneiro (2002, p. 181) “a pesquisa revela que as famílias pluriativas são formadas por uma parcela maior de jovens e integram

um número maior de pessoas” e “a aposentadoria tenderia a substituir o emprego da mão-de-obra familiar em atividades não-agrícolas como fonte de renda monetária”.

A questão da renda também é ressaltada por Henig (2019), quando explica que as famílias camponesas têm a possibilidade de acrescentar atividades não agrícolas para aumentar a renda fora da unidade produtiva, o que pode estruturar ainda mais as famílias, trazendo um processo social na dinâmica da socialização do campo.

Essa concepção já havia sido formulada por Mattei (2008, p. 415), quando considerou que:

[...] o fenômeno da pluriatividade é visto como um aspecto da geografia de acumulação de capital na esfera agrária, além de representar uma constante mercantilização das relações sociais de produção e de reprodução. Esta concepção permite entender melhor as interações entre os grupos familiares, as unidades de exploração e o contexto socioeconômico onde elas se inserem, dando uma visão ampla ao fenômeno (MATTEI, 2008, p. 415).

O referido autor acredita que a agricultura familiar passa a ser uma opção com o passar dos anos, e a pluriatividade resolveria esse problema, dando a possibilidade de manterem as suas terras e cultivá-las em segundo plano, mas sem depender totalmente da sua renda e as razões para sua adoção podem ser de diversas naturezas:

- Econômica: dimensão das unidades de exploração, patrimônio, níveis de rendimento, inserção nas economias locais etc.;
- Social: nível de escolaridade das famílias, idade dos membros familiares, melhoria dos níveis de escolaridade dos filhos, desejo de ascender socialmente, desejo de exercer outras funções comunitárias etc.;
- Pessoal: aumentar padrões de consumo, participar mais da vida social da localidade, buscar outras carreiras etc.;
- Contextual: disponibilidade de emprego no entorno, ambiente socioeconômico local, inter-relações técnico-produtivas etc. e;
- Lazer: sítios, chácaras de final de semana, áreas de preservação ambiental etc. (*ibidem*, p. 417).

Moreira (2007, p. 33) explica que essa diversificação na fonte de renda das famílias rurais pode ser o motivo para mantê-las no bairro rural, pois a “pluriatividade e as múltiplas fontes de renda, entendidas como estratégias de reprodução social, permitem, em determinadas regiões, evitar a saída da família do campo e proporcionar recursos para a permanência na agricultura”. No entanto, o autor adverte sobre a importância em saber os motivos que levam o homem a permanecer no campo, apesar das dificuldades que são

encontradas para o desenvolvimento da agricultura, sendo não só econômico, mas também simbólico entre as gerações.

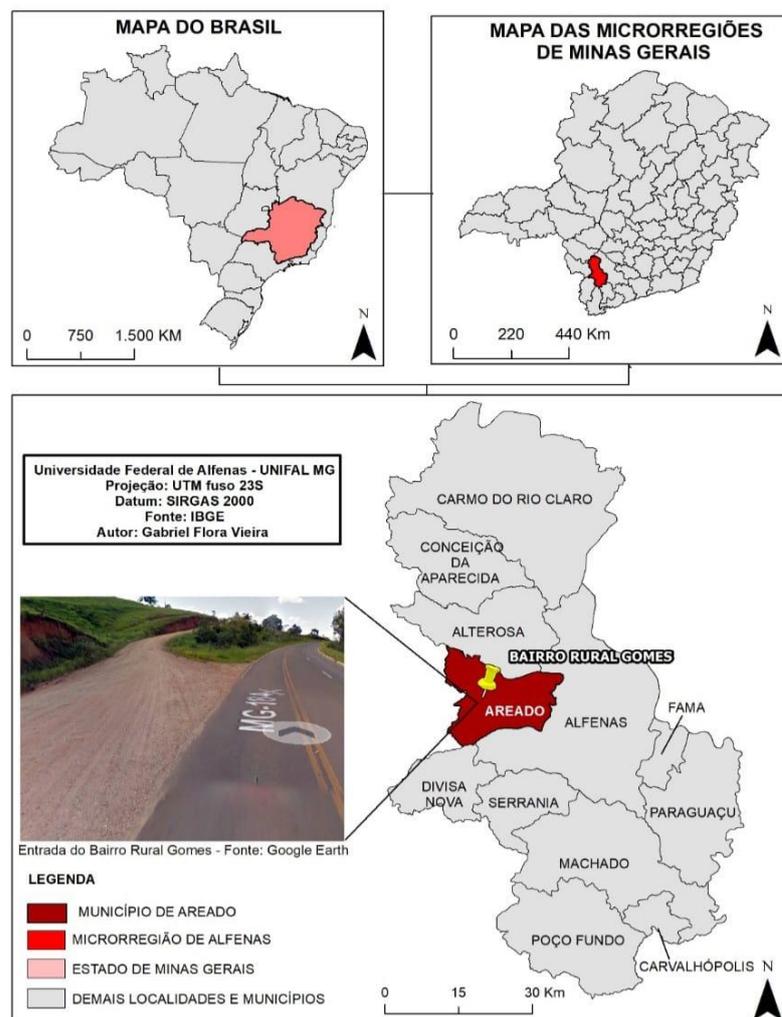
Apesar de ocorrer por diversas causas diferentes, a pluriatividade auxilia os camponeses em sua reprodução social, pois “estaria diretamente relacionada aos aspectos que caracterizam a dimensão econômica entre agricultura familiar e território, ou seja, uma das múltiplas dimensões que a atividade familiar agrícola representa na dinâmica territorial” (SILVA, 2016, p. 253).

Nesse contexto, buscar-se-á a partir do estudo de caso do bairro rural Gomes, compreender no empírico, o que foi apresentado aqui como embasamento teórico.

4. CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO RURAL GOMES

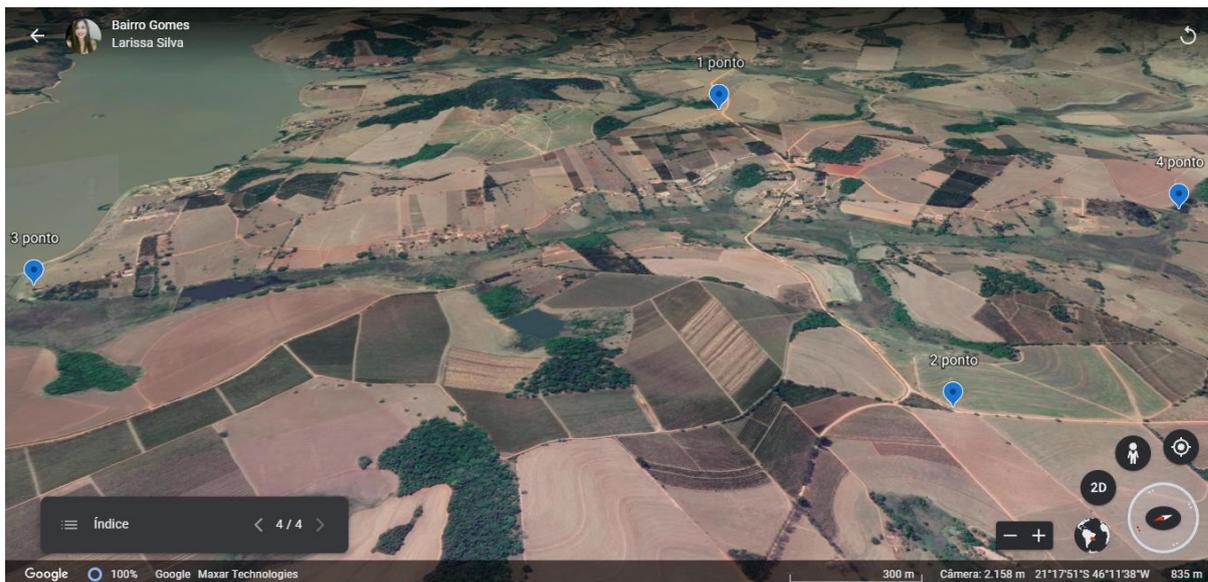
É preciso caracterizar o bairro rural Gomes no contexto do município de Areado para que, então, se possa compreender a pluriatividade como estratégia de reprodução social da agricultura familiar, de acordo com as famílias que permanecem residindo nele. Nesse sentido, inicialmente é preciso caracterizar o município de Areado (figuras 02 e 03).

Figura 02- Mapa de localização geográfica do bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.



Fonte: Dados do IBGE (2020). Elaborado por Gabriel Flora Vieira (2021).

Figura 03- Imagem do Google Earth do bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.



Fonte: Google Earth (2021).

De acordo com o Censo Demográfico do IBGE de 2010, o município tinha como população total 13.729 pessoas, sendo que desse total, 11.530 residia no espaço urbano (84%) e 2.199 no rural (16%). Apesar de a população urbana ser maior, grande parte dela trabalha na zona rural com atividades agrícolas e pecuárias, principalmente na época da colheita (IBGE, 2010).

A economia de Areado baseia-se em atividades agrícolas, tendo como principais culturas: café, arroz, milho, feijão, batata e cana-de-açúcar; além da pecuária (gado leiteiro e de corte), da piscicultura, da suinocultura e da avicultura. No setor industrial, destacam-se microempresas de olarias, serralherias, artesanato de couro, tecido, tecelagem, fabricação de roupas. Existem também no município um comércio variado e um setor de prestação de serviços para atendimento da população local. É importante ressaltar que, nas últimas décadas, a atividade turística também vem se destacando no município, devido à construção da usina hidrelétrica de Furnas (LOURENÇO, 2010, p. 27).

Isso se explica pelo fato de Areado ser um dos 34 municípios limítrofes do lago de Furnas, contando com hotéis, bares e restaurantes, que recebem os visitantes e movimentam sua economia da cidade. Suas atividades econômicas também são baseadas na agricultura, principalmente na cafeicultura, que se torna a maior fonte de renda durante os meses da colheita. O PIB per capita (2018), segundo IBGE, é de R\$ 15.383,32.

Destaca-se também a usina Monte Alegre que, embora pertença ao município vizinho de Monte Belo:

[...] é causadora de efeitos socioeconômicos no município, sobretudo no que se refere à geração de empregos, que acaba gerando um efeito multiplicador, uma vez que os salários desses funcionários são utilizados para movimentar contas bancárias, bem como realizar compras no comércio local (MARTINS, 2014, p. 23).

O município possui muitos bairros rurais, sendo alguns eles: Cruzes, Posses, Pinhal, Pinhalzinho, Cambuí, Movimento, Estação, Capetinga, Santa Helena, Barro Branco, Serra da Silveira, São Miguel, Canta Galo, Trapé, Grama, Taquarusul, Glória e dentre eles o Gomes, objeto de estudo dessa pesquisa.

4.1. O processo de formação histórica do bairro e da cidade

Em 25 de abril de 1823, o Guarda-Mor Joaquim José da Cunha Bastos, junto com Antônio dos Reis Rosa e João Marque de Araújo, que doaram as terras para a construção da cidade, fundaram o Povoado de São Sebastião de Areado. Nesta mesma data foi realizada a primeira missa que deixou registrada a fundação. Eles construíram a capela em homenagem a São Sebastião, o santo padroeiro, e a Igreja Matriz foi inaugurada em 1858, conforme os dados coletados no site do IBGE e no Museu Municipal Monsenhor Faria, localizado na sede do município de Areado.

Ainda segundo os registros do Museu e histórias contadas pelos antigos moradores entrevistados, um político chamado João Marcos Gomes, que era tenente coronel e foi o primeiro chefe político do povoado, junto de sua família possuíam terras onde atualmente se encontra o bairro rural Gomes. Daí resulta a denominação do bairro, com o sobrenome dessa família. Não há datas sobre a chegada da família Gomes, mas segundo os moradores foi depois da vinda deles que passou a surgir mais pessoas e, aos poucos, foram povoando as terras.

Posteriormente, para lhe fazerem um agrado e rodeado de interesses políticos, colocaram o nome de Vila Gomes, no então Povoado de São Sebastião de Areado, no ano de 1911. Os moradores da vila não gostaram desse agrado e fizeram abaixo assinados para uma nova mudança, então segundo a Lei Estadual nº 747, em 1919, o nome foi mudado para Areado (IBGE).

O bairro Gomes é vizinho ao bairro rural Movimento, onde existia a estação ferroviária Rede Mineira de Viação, da linha de Cruzeiro a Tuiuti. Segundo os entrevistados,

a estação era um lugar muito movimentado, com comércios, forrós e muitas pessoas indo e vindo o tempo todo, entre eles os moradores do Gomes que viajavam para Aparecida de trem e frequentavam os armazéns, que eram as mercearias.

Nessa época, os moradores do bairro também usavam o trem para ir ao município vizinho de Alterosa, embora também fizessem esse deslocamento a pé ou a cavalo. Os entrevistados contaram, inclusive, que muitos moradores preferiam, muitas vezes, frequentar a cidade vizinha a sua própria cidade:

A gente não ia com muita frequência na cidade. Quando precisava comprar mantimentos, a gente ia a Alterosa porque lá era mais barato, e quando era pra rezar, a gente ia a Areado. Lá em Alterosa era mais perto, dava pra cortar caminho, mas as rezas na Semana Santa, a gente acompanhava com o padre de Areado. Hoje a maioria vem pra Areado mesmo, tanto pra fazer compras quanto pra ir à missa (ENTREVISTADA 1).

A estação foi desativada em 1964, por conta da construção da usina hidrelétrica de Furnas, cujo reservatório de água inundou os trilhos do trem no bairro Movimento, mas os seus restos ainda são visíveis quando o nível da represa abaixa.

Até a década de 60 a rede urbana do Sul de Minas articulava-se, basicamente, através do sistema ferroviário, principal escoador da produção agrícola da região, sobretudo a cafeeira. Com a instalação da Hidrelétrica de Furnas e a consequente inundação das terras baixas, todo este sistema de acessos foi desarticulado. Foi construída a rodovia BR-491, com o intuito de reestabelecer essa rede de acessos. Mesmo assim, a economia da região, de base predominantemente agrícola, ficou seriamente comprometida, passando assim a se reorganizar num quadro socioeconômico bem mais diversificado (ALAGO, 2006, p. 2).

No ano de 1963, completou-se a citada inundação, que transformou por completo toda a região, inundando casas, plantações e até cidades inteiras, as terras férteis foram alagadas e a agricultura nas várzeas eliminada, bem como as plantações de arroz, e o transporte passou a ser rodoviário, o que impactou o escoamento da produção agrícola (ALAGO, 2006).

Por outro lado, a represa trouxe benefícios acerca do turismo para a cidade, e por mais que o bairro Gomes não seja banhado por ela, os turistas que visitam os bairros vizinhos pela represa passeiam nos bares do bairro.

A religião predominante no município e no bairro é o catolicismo. Segundo o último censo realizado em 2010 na cidade de Areado, entre 10.000 e 12.000 da população é católica, até 2.000 é evangélica e menor que 1.000 é espírita.

A Igreja do bairro é católica e dedicada a Nossa Senhora de Aparecida. Ela foi construída com a ajuda de seus moradores da época, quando o Monsenhor Matias era o pároco da cidade, por volta da década de 1940. Sua inauguração aconteceu em 1952, pelo Dom Inácio que veio abençoar a capela, conforme registrado no Livro de Tombo da paróquia, de acordo com o pároco da cidade, Padre João Batista. Seu tamanho é maior que as outras igrejas dos outros bairros rurais, e sua arquitetura chama a atenção dos fiéis (figura 04), principalmente depois da sua reforma entre 2005 e 2006 (figuras 05).

Figura 04 - Igreja de Nossa Senhora Aparecida do bairro Gomes, no município de Areado/MG.



Fonte: Larissa Bruna da Silva (2021) (Arquivo pessoal).

Figura 05 – Imagens do interior da igreja de Nossa Senhora Aparecida no bairro Gomes, no município de Areado/MG.



Fonte: Antônio Fernando dos Anjos (2005) e Larissa Bruna da Silva (2021) (Arquivo pessoal).

A- Antes da reforma (2005).

B- Depois da reforma (2021).

A importância da igreja para os moradores do bairro aparece nas falas dos entrevistados: “A igreja é onde junta as pessoas, nas missas, terços, festas. Meu pai foi ajudante de pedreiro pra construir ela. Eu era criança e me lembro disso” (ENTREVISTADO 2).

As festas eram no mês de maio. Duravam um mês inteiro e todo dia o povo se reunia pra rezar. O povo de antigamente tinha muita fé, guardava dia santo, rezava bastante terço, aguavam o pé do cruzeiro pra pedir chuva. O povo de hoje quase não reza mais. Quando tinha a festa na igreja, ultimamente, eles iam só pra festa. Na hora das rezas juntava pouca gente e nas festas juntam bastante ex-moradores. Vem muita gente de fora, que mora longe ou que tinha família aqui, pra poder matar a saudade daqueles tempos (ENTREVISTADA 1).

Com o predomínio da religião católica e a grande fé dos moradores que nele residiam no passado, a igreja se tornou um marco do bairro rural Gomes, sendo também um espaço do convívio entre as pessoas de fora que frequentavam as rezas e principalmente as festas, evidenciando as relações sociais da vida sertaneja.

Vê-se que, em consequência da religião predominante própria dos bairros rurais brasileiros, que é a católica, o local foi transformado em Igreja Católica. As festas ligadas à Igreja movimentam todo o bairro rural e são responsáveis pelo convívio estreito entre as famílias que se articulam para prover o necessário para a festa. Percebe-se que as relações sociais no bairro rural não se “dão no ar”, elas têm os locais privilegiados para acontecer, e estão baseadas nas práticas e ações cotidianas que dão sustentação à vida

camponesa. Não só a Igreja é o ponto de aglutinação do convívio social, como também o bar, a escola e o clube (os dois últimos também localizados no centro comunitário) (BOMBARDI, 2004, p. 77).

Há registros no Museu Municipal Monsenhor Faria da existência de escolas rurais no município desde 1928. Sobre a construção da escola do bairro, os antigos moradores entrevistados contam que existia outra anteriormente, mas ela foi substituída pela nova por ser maior e acomodar melhor os alunos, há cerca de 70 anos atrás. Ela foi chamada de Escola Silvio de Ávila Borges, tendo sido reformada em 1986 e fechada no ano de 1999, com seus alunos e funcionários remanejados para outros bairros. “Tinha uma escola antiga no lugar que era a igreja hoje, ela chamava “Chico Batista”, eu cheguei a estudar nela, a gente sentava num banquinho de madeira, era simples demais” (ENTREVISTADO 2).

Em 2021, o prédio da antiga escola se tornou sede da Associação dos Moradores do Bairro Gomes (AMOG). Essa associação surgiu em 1991, a partir da vontade dos moradores do bairro que tinham como objetivo favorecer a agricultura através de implementos agrícolas que eram caros e os pequenos agricultores não tinham condições. Com o passar dos anos, os moradores que estavam à frente foram deixando de lado e a associação deixou de prestar os serviços à comunidade. Já no ano de 2005, com uma nova presidência, a associação passou a crescer e contar com doações de tratores e implementos dos prefeitos e deputados movidos por interesses políticos. Na fase atual, a AMOG auxilia os moradores associados no âmbito da agricultura, com tratores e implementos agrícolas, secador de café, máquina de beneficiar café e terreiro para a secagem (Figura 06), e a atual presidência continua buscando recursos que melhore a qualidade da agricultura no bairro.

Figura 06- Antigo prédio da escola do bairro, sede atual da Associação dos Moradores do Bairro Gomes, no município de Areado/MG.



Fonte: Larissa Bruna da Silva (2021) (Arquivo pessoal).

4.2. Estrutura demográfica e socioespacial do bairro

O bairro rural Gomes tem aproximadamente 100 moradores e se localiza a cerca de 7 quilômetros da sede do município de Areado. Não há agentes de saúde da prefeitura que atuem no bairro e nenhum tipo de assistência médica, fazendo com que seus moradores necessitem buscar esse tipo de serviço pelo Sistema Único de Saúde (SUS) nos postos de saúde e hospitais na sede, o que diminui esse impacto devido à proximidade do bairro com a cidade.

A principal atividade econômica do bairro é a cafeicultura, sendo que boa parte de seus moradores estão envolvidos nela, seja como produtores de café ou como trabalhadores em outras propriedades, principalmente na época da colheita, mais conhecida como “panha”. Todavia, antes do café, outras culturas agrícolas se destacavam do bairro.

Antigamente plantavam arroz nas várzeas, feijão e aravam as terras com carro de boi pra poder plantar. Lá em casa tinha horta, a gente criava galinha, porco e sempre tinha a vaca dando leite pra dar conta daquele tanto de criança. Hoje, eles não plantam arroz mais, já compram no mercado, e feijão tem uns que ainda plantam. Quando a colheita dá bastante, eles até trazem e vendem o que sobra aqui na cidade. É muito mais gostoso do que aqueles que a gente compra de saquinho, e não tem veneno (ENTREVISTADA 1).

Se por um lado as mulheres não têm muitas opções de lazer no bairro, por outro, no que se referem as opções no mercado de trabalho houve aumento, na sede do município, se comparado com o passado, conforme acredita uma ex-moradora antiga do bairro.

Eu acho que o bairro ficou melhor pras mulheres. A minha mãe trabalhava muito (*com tecelagem*) e ganhava pouquinho, além de cuidar da gente e da casa, mas era muito desvalorizado o serviço dela. Hoje as mulheres trabalham lá na roça ou vem pra cidade e trabalham aqui. Elas tem muito mais opções que as mulheres de antigamente não tinham e ganham mais dinheiro. Isso é muito bom! (ENTREVISTADA 1).

Para Bombardi (2004, p. 73) “o bairro rural deve, portanto, ser concebido como uma unidade territorial na perspectiva de que ele adquire uma caracterização homogênea: funciona como um todo, como uma unidade.” Sejam nas práticas religiosas, nas confraternizações da festas ou nos bares e jogos de futebol, a vida no campo era marcada pelas relações sociais, pela ajuda e união das pessoas, que mesmo permanecendo até hoje, era mais forte nos anos passados.

Considerando a forte presença da agricultura familiar no bairro rural Gomes, faz-se necessário caracterizá-la, de modo a compreender sua configuração atual.

5. AGRICULTURA FAMILIAR NO BAIRRO RURAL GOMES

A partir dos resultados dos questionários aplicados junto aos agricultores, foi possível coletar informações para caracterizar o bairro rural, as condições que possibilitam a agricultura familiar e de que forma ela ocorre entre as famílias cafeicultoras.

Existem 12 cafeicultores no bairro rural Gomes, mas foram entrevistados apenas 6 em decorrência da pandemia do Covid-19, conforme explicado na metodologia.

5.1. Estrutura fundiária, grupo familiar, atividades agrícolas e não-agrícolas

O bairro rural Gomes é definido por seus moradores como um bairro familiar, um lugar onde todos se conhecem e a maioria das pessoas possuem um grau de parentesco. Geralmente, as pessoas da família moram perto, adquirindo o terreno por herança ou comprando propriedades vizinhas.

A população do bairro é composta por poucas crianças e adolescentes, em sua maioria pessoas de 40 a 80 anos, diferente da pirâmide etária do município realizada no último censo de 2010 segundo o IBGE, em que a população de 10 a 35 anos predomina sobre as outras faixas etárias. O perfil dos cafeicultores entrevistados, com relação à idade, ao sexo e ao grau de escolaridade são mostrados no quadro 01.

Quadro 01- Perfil dos cafeicultores entrevistados no bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.

ENTREVISTADOS	IDADE (anos)	SEXO	GRAU DE ESCOLARIDADE
Cafeicultor 1	64	masculino	Ensino Fundamental I completo
Cafeicultora 2	39	feminino	Ensino Fundamental II completo
Cafeicultora 3	37	feminino	Ensino Médio incompleto
Cafeicultor 4	51	masculino	Ensino Fundamental I completo
Cafeicultor 5	63	masculino	Ensino Fundamental I completo
Cafeicultor 6	36	masculino	Ensino Médio completo

Fonte: Trabalho de campo (agosto/2021).

Como se observa, os entrevistados têm entre 36 e 64 anos, sendo que metade tem acima de 50 anos e a maioria são homens (66,6%). Quanto ao grau de escolarização dos entrevistados, 50% concluíram apenas o ensino fundamental I (acima de 50 anos) e os demais, um concluiu o ensino fundamental II, um o ensino médio incompleto e um o ensino médio completo. Isso confirma a realidade da população rural brasileira, cujo grau de escolarização geralmente é baixo e proporcional à idade dos moradores, ou seja, quanto mais velhos, menos prosseguiram nos estudos.

O tamanho das propriedades rurais da maioria dos entrevistados tem, em média, 4 hectares (83,3%), sendo que apenas uma possui 12 hectares. Esse reduzido tamanho das propriedades tem origem nos parcelamentos que foram sendo feitos nas antigas grandes propriedades, seja por meio de herança aos herdeiros dos proprietários, seja pela venda a outros. Geralmente, existe sempre um membro da família que cultiva a terra, e quando não há ninguém dedicado a isso, a terra é arrendada.

Dos entrevistados, 5 são os proprietários das suas terras (83,%) 1 possui parte das terras e arrenda outra. Nas propriedades eles plantam feijão, milho, pepino, amendoim e frutas como laranja, limão, mamão e banana, sendo que em todas elas, a atividade agrícola mais importante para a renda da família é o café.

As famílias mais jovens tem média de 4 membros, sendo pais, mãe e dois filhos, enquanto as famílias mais velhas são compostas pelos casais aposentados que moram sozinhos. Alguns membros se dedicam à agricultura, mas não todos, pois alguns são muito jovens, outros possuem problemas de saúde pela idade avançada e alguns mesmo residindo na propriedade exercem atividade externa, o que possui maior influência na renda da família.

A renda mensal dessas famílias varia entre 1 e 3 salários mínimos e, por conta disso, os entrevistados consideram que possuem uma boa condição de vida: “Eu tenho saúde pra trabalhar, uma casa pra morar, carro pra passear e a minha família, mesmo não sendo rico temos mais pra agradecer do que pra reclamar, então posso dizer que possuo sim uma boa condição de vida” (CAFEICULTOR 4).

Nas lavouras trabalham todos os membros da família e quando a quantidade de café colhida é maior e exigem maior número de pessoas na colheita, ocorre o revezamento do trabalho entre os vizinhos e familiares, de acordo com o café que for madurando primeiro. A panha é feita manualmente, sendo que são poucas as pessoas que usam a derriçadeira, popularmente conhecida como “maquininha de colher café”. Apenas 2 entrevistados possuem tratores, um deles possui secador de café e os implementos agrícolas utilizados são da

AMOG. Os insumos químicos mais usados são o Roundup, adubos e foliares, geralmente contratam pessoas para aplicar nas suas plantações devido aos riscos.

Em relação aos créditos para financiar os custos da produção as opiniões ficam divididas. Metade respondeu que sim e a outra que não. Sobre os programas governamentais de ajuda financeira que auxiliam no desenvolvimento das atividades acontece o mesmo: metade acessou o PRONAF acham satisfatório, como comenta uma das entrevistadas: “Eu acho satisfatório pela baixa taxa de juros, adquiro vários para investir na minha propriedade” (CAFEICULTORA 3).

Devido à falta de políticas públicas destinadas ao campo, de incentivos rurais e do próprio Estado, torna-se necessário que os agricultores tenham que praticar a pluriatividade. Dessa forma, com a renda obtida na lavoura, somente 1 produtor consegue pagar todas as despesas com a lavoura, colheita e manter as necessidades básicas da família, os demais precisam complementar com atividades não-agrícolas, o que justifica a presença da pluriatividade no bairro.

Todos os moradores possuem vínculo com a terra de alguma forma, seja plantando para subsistência, para atividade complementar, para cultivar uma horta de verduras e ter alimentos de melhor qualidade próximo de casa. Há também pessoas que trabalham em bairros vizinhos para fazendeiros, principalmente, durante a “panha” do café, mas também existem algumas que são trabalhadores permanentes, com registro na carteira de trabalho.

Desde os primeiros estudos, o bairro é definido como um espaço vivido e sentido pelos seus moradores em sintomáticas e variadas relações interpessoais, normalmente exercitadas nos pontos de encontro mais significativos da população (igreja, praça, escola etc.). E ainda, um grupo de vizinhança disperso, portador de características marcantes, e, por conseguinte, reveladoras de uma identidade particular aceita por aqueles que ali vivem (HALLEY, 2014, p. 580-581)

As pessoas de outros lugares que se mudaram para o bairro também conseguiram comprar um pedaço de terra para morar ou cultivar, e anos atrás, existiu caso até de doação de terras de um proprietário com melhores condições, para uma família com crianças pequenas que não tinham um lugar pra morar e trabalhar.

5.2. Relações de sociabilidade, práticas culturais e religiosas

De acordo com os entrevistados, no passado, existiram muitas formas de se sociabilizar no bairro. Aos domingos a maioria das pessoas se reuniam no campo, os homens jogavam futebol e as mulheres se reuniam para assistir. As crianças brincavam entre si pelos arredores, como o bairro era um lugar tranquilo, os pais não se preocupavam com perigos. As senhoras se reuniam nas casas uma das outras e passavam as tardes de domingo conversando.

As atividades culturais no bairro Gomes, em sua maioria, são religiosas. Os moradores se reúnem na igreja para missas mensalmente e rezas do terço semanais, celebram festas juninas e a festa da padroeira Nossa Senhora Aparecida, que reúne antigos moradores de outras cidades também. Na antiga escola acontece a festa da AMOG, que também atraía muitos visitantes e associados, com shows, leilão, bingos e até exposições. Durante a pandemia do Covid-19 esses encontros foram restringidos, tendo apenas a missa quando o número de casos de pessoas infectadas pela doença, na cidade, diminuiu e é possível receber seus moradores no bairro, inclusive o padre, desde que sejam seguidos todos os protocolos de segurança contra o vírus.

As festas aconteciam na igreja, no bar e na antiga escola, atual sede de associação do bairro, e os moradores se articulavam para a organização de cada uma delas. A mais tradicional e aguardada pelos moradores permaneceu sendo a festa da Igreja, homenageando a padroeira do bairro, Nossa Senhora Aparecida. Os moradores em sua maioria são católicos, e até aqueles seguem outras denominações frequentavam a festa no pátio da igreja.

Essa festa acontecia sempre no mês de maio, contava com celebrações religiosas, terços e missas, com a presença de padres de várias paróquias e das rezas dos moradores mais antigos, que já havia se tornado uma tradição. Depois das celebrações, havia leilão de brindes, bingos, um bar com comidas típicas mineiras e o aguardado forró. Por conta da pandemia da covid-19, a última edição da festa foi em maio de 2019 (figura 07).

Figura 07- Festa da padroeira na igreja Nossa Senhora Aparecida do bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.



Fonte: Pascom - Areado (2019).

Os entrevistados relataram que o antigo salão de festas da igreja era pequeno e não acomodava toda a população do bairro, por isso foi construído um novo, há cerca de 30 anos (figura 08). Ele está localizado ao lado da igreja e é mais espaçoso, sendo usado tanto para as festividades da igreja, quanto para outras formas de comemorações de seus moradores, como em festas de casamento, aniversário e chá de bebê.

Figura 08- Salão de festas da Igreja do bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.



Fonte: Larissa Bruna da Silva (2021) (Arquivo pessoal).

A Semana Santa também era um evento muito aguardado pelos moradores do bairro. No passado, essas famílias passavam a semana toda na cidade de Areado, se hospedando nas casas de parentes para que pudessem participar de todas as celebrações religiosas. Como o passar do tempo, a própria paróquia da cidade passou a enviar padres e seminaristas para as comunidades rurais, permitindo, assim, que um maior número de pessoas possam participar. Esses padres e os seminaristas ficam hospedados nas casas dos moradores, que se reúnem entre os vizinhos para fazer as refeições e celebrar esse momento juntos.

Também eram comemoradas as festas juninas, no bairro, sendo que ocorriam nas casas dos moradores, onde rezavam o terço dedicado a Santo Antônio, São João e São Pedro. As mulheres se reuniam nessas casas para fazerem doces, biscoito, pau a pique e chás para servirem aos convidados. Essa tradição se perdeu no bairro, mas os moradores continuaram se reunindo na igreja para rezar o terço e confraternizar. Também continuaram frequentando as rezas nos bairros vizinhos, que mesmo após tantos anos conseguiram manter a tradição.

Os moradores também realizam a novena do Natal, nas casas do bairro, sendo que, no último dia dela, todos se reúnem na igreja para uma confraternização, onde cada pessoa leva alguma comida e todos partilham em comunidade.

Além disso, no decorrer do ano, as pessoas se reúnem semanalmente na igreja para a reza de terços e novenas e, uma vez, ao mês o padre da paróquia da cidade vem para a celebração da missa. Esses eventos costumam reunir mais pessoas quando faz calor do que na época do frio, que coincide com a “panha” de café, fazendo o número de participantes diminuir.

Até 2014 existia no bairro um bar, com campo de futebol no qual se reuniam os moradores aos finais de semana, sendo que tanto os homens quanto as mulheres frequentavam o local como forma de lazer. Nele também aconteciam festas que atraíam muitas pessoas de outros bairros e cidades, mas depois que o bar fechou isso não aconteceu mais. Em 2021, as famílias se unem umas nas casas das outras com quem possuem mais intimidade, sendo que durante a pandemia isso também deixou de acontecer.

Atualmente permaneceram no bairro 2 bares (figuras 09 e 10), eles atraem os moradores mais velhos, do sexo masculino por não terem muita diversidade para lazer e opções de comida, por isso acabou se tornando um ponto de encontro para esses homens que buscam ouvir moda de viola e tomar cachaça após um dia de trabalho na roça. Esse fato deixou as mulheres sem opções de lazer.

Figuras 09 e 10- Bares no bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.



Fonte: Larissa Bruna da Silva (2021) (Arquivo pessoal).

Vale ressaltar que todos esses eventos foram afetados com a chegada da pandemia do Covid-19. As missas acontecem quando o número de casos de pessoas contaminadas diminui na cidade, mas quando eles voltam a aumentar, são canceladas novamente. Da mesma forma, as novenas e terços deixaram de acontecer, e os moradores já não se encontram com tanta frequência também. Em algumas ocasiões o padre passa pelas comunidades rurais com a imagem do Santíssimo e as pessoas se organizam para receber a benção.

A partir dessas informações, a pesquisa enfocará os aspectos da pluriatividade no cotidiano das famílias cafeicultoras entrevistadas no bairro rural Gomes.

6. A PLURIATIVIDADE COMO UMA ESTRATÉGIA DE REPRODUÇÃO SOCIAL DAS FAMÍLIAS

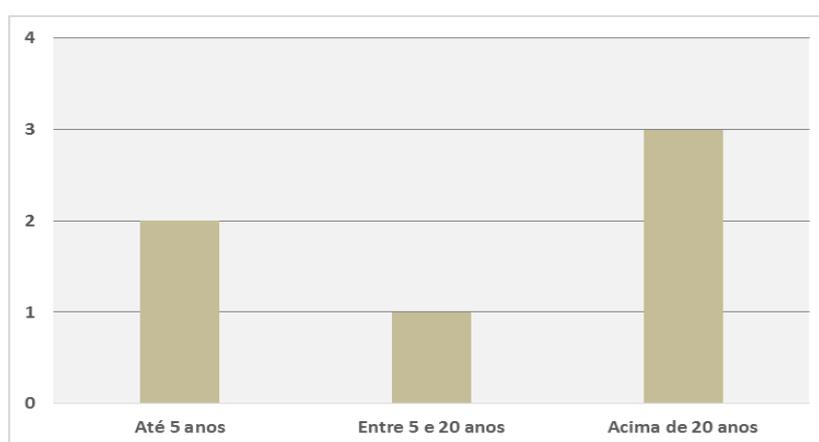
O cultivo do café está enraizado na cultura das famílias do bairro rural Gomes desde 1980 e, de lá pra cá, ele se tornou a principal fonte de renda delas, conforme explicado no capítulo 4. No entanto, é preciso ressaltar que muitos moradores trabalham com outras atividades fora de sua propriedade, no espaço rural ou no urbano, ou seja, fazem da pluriatividade uma das estratégias para permanecer vivendo com sua família no campo, sem abandonar a agricultura.

6.1. Tipos de atividades e rendas no bairro rural

Desde que teve início a cafeicultura no bairro rural Gomes, a maior parte da produção esteve concentrado nas mãos dos agricultores familiares que empregavam outros moradores. Com o passar dos anos, o número de produtores de café foi aumentando, sendo que, em 2021, existe um total de 12 cafeicultores no bairro, como já mencionado, sendo que apenas 2 são mulheres e somente um vive exclusivamente da renda do café.

Metade dos entrevistados produz café a mais de 20 anos, sendo que 2 se dedicam a essa cultura entre 5 e 20 anos e um que é mais recente, com apenas 5 anos (gráfico 01).

Gráfico 01- Tempo em anos que os cafeicultores se dedicam à cafeicultura no bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.



Fonte: Trabalho de campo (agosto/2021).

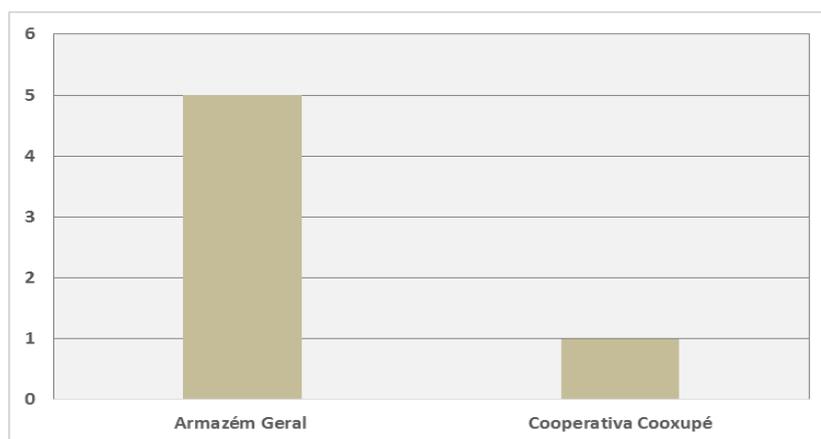
Em média, as entrevistas mostraram que na propriedade rural, 2 hectares são destinados a cafeicultura, com cerca de 4 mil pés de café plantados, mas esse número se difere

com um dos entrevistados que se dedica exclusivamente as lavouras do café, com uma área de 5 hectares, que é o caso do cafeicultor com propriedade rural de 12 hectares, citado no capítulo anterior. A produção em sacas de café colhido, na safra de 2020 varia bastante, pois em um dos casos foi ano de lavoura nova e não teve colheita, e entre os outros variou de 20 a 400 sacas.

O beneficiamento é feito nas propriedades do bairro, mas com serviço terceirizado. O armazenamento que antes era exclusivo da Cooperativa Regional dos Cafeicultores em Guaxupé Ltda. (COOXUPÉ), deixou de sê-lo, isso porque os valores, conforme a bebida do café, pois variavam muito entre cooperativa e os armazéns municipais, sendo mais valorizados nos armazéns e mais baixos nas cooperativas.

A maioria das produções também são comercializadas nos armazéns (83,3%) e apenas um dos entrevistados é associado à Cooxupé, até mesmo para pagar os produtos adquiridos na cooperativa, uma vez que esses são financiados com sua produção entregue a ela (gráfico 02).

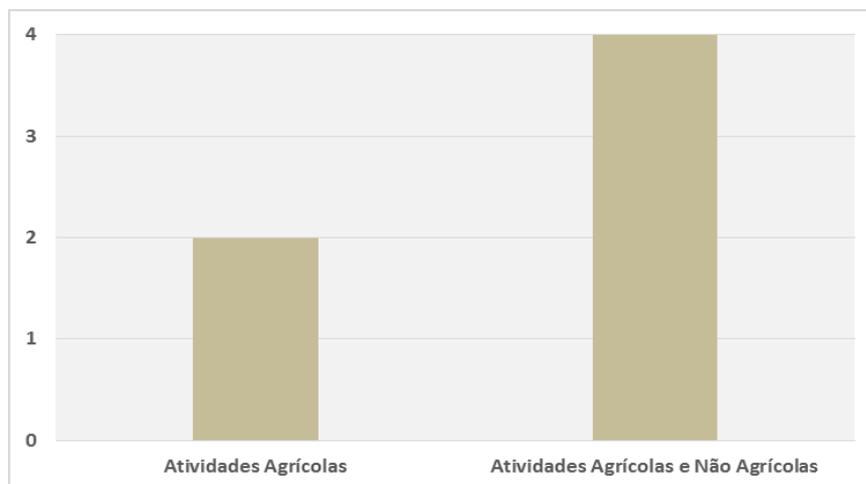
Gráfico 02- Forma de venda do café produzido no bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.



Fonte: Trabalho de campo (agosto/2021).

De acordo com os antigos moradores do bairro entrevistados, há cerca de aproximadamente 10 anos atrás esses números eram diferentes, pois existiam mais moradores que dependiam unicamente da renda do café e se dedicavam a ele em tempo integral. Em 2021, boa parte desses agricultores já se aposentaram, tornando essa a principal fonte de renda de sua família (gráfico 03). Em muitos casos, a área na propriedade rural destinada à cultura de café foi reduzida, representando apenas um pequeno complemento na renda familiar, sendo, inclusive, mais uma questão cultural do que econômica.

Gráfico 03- Fontes de renda pelas famílias entrevistadas bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.



Fonte: Trabalho de campo (agosto/2021).

O número das respostas varia entre os entrevistados e mostra como a pluriatividade está inserida na vida dessas famílias cafeicultoras, que podem depender exclusivamente das atividades agrícolas, como também das atividades não-agrícolas.

O simples fato de essas pessoas continuarem trabalhando com o café, mesmo depois de aposentados e de uma vida inteira se dedicando ao cultivo da terra, mostra como esses serviços são importantes para elas, pois trazem o sentimento de pertencimento e muitas vezes funcionam como uma terapia. A fala de um dos cafeicultores entrevistados aposentado reflete essa afirmação: “nasci no bairro e permaneci por ter pouco estudo e poucas chances de arrumar serviço na cidade. Aí continuei trabalhando na terra e gosto de mexer nela, quando tô trabalhando esqueço dos problemas” (CAFEICULTOR 1).

Além de fazer bem para a mente, essa relação com a terra traz benefícios para toda a família, pois aproveitam o próprio terreno destinado ao café para plantar os alimentos que consomem de forma mais saudável, e assim levar a qualidade pra casa e pra família.

Aproveito a terra pra plantar milho, feijão, amendoim, pepino, abóbora, mandioca, mamão, quiabo e limão. A gente sempre vai buscar alguma coisa, seja pra comer ou dar pras galinhas e pros porcos, que depois nós comemos também e fica mais gostoso do que o comprado no mercado. Sempre que colhemos nós repartimos com os vizinhos e com a família que mora na cidade, já é costume (CAFEICULTORA 2).

Dentre os entrevistado 4 agricultores também se dedicam à pecuária leiteira (83,3%). Dois comercializam a produção: um vende para cooperativa, sendo que o leite é retirado das

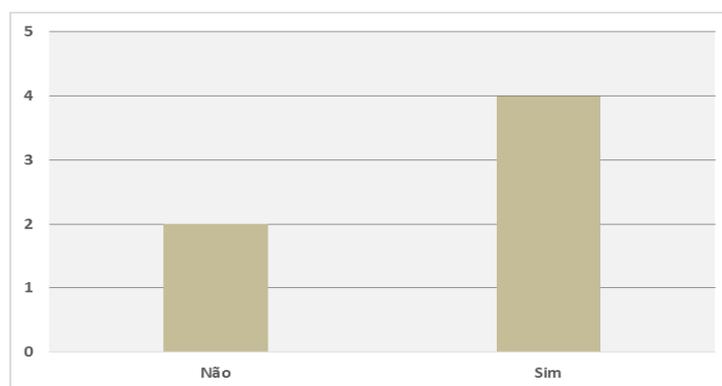
vacas todos os dias, revezando entre os membros da família e o armazenam em tanques o representante da cooperativa vem buscar algumas vezes na semana e o leite é transportado até ela, na sede do município; o outro vende apenas para os próprios moradores do bairro, cuja entrega é feita nas casas dos compradores ou propriedade do produtor. Os outros 2 produzem para o autoconsumo.

Ultimamente, os agricultores têm investido também no plantio do milho. Nesse caso, a produção está mais voltada para o autoconsumo, seja na forma de alimento, no preparo de comidas típicas como pamonha, mingau e o próprio milho cozido, bem como na alimentação do gado e das galinhas. Eventualmente, comercializam essa produção com outros moradores do próprio bairro – ou até mesmo doam - ou de bairros vizinhos.

Antigamente, era comum no bairro a prática do mutirão, na qual eles trocavam dia de serviço para ajudar uma pessoa, em troca do almoço oferecido pela família. Atualmente, essa prática ainda é utilizada, mas já não é tão comum, já que predomina o trabalho remunerado, mesmo entre vizinhos.

Na verdade, os agricultores que possui uma área pequena plantada de café, utilizam apenas mão de obra familiar na colheita e, no restante do ano, trabalham para os grandes produtores, que possuem melhores condições e podem oferecer vagas de emprego. No entanto, trata-se de trabalho informal, mas ajudam a não dependerem exclusivamente da renda do café, segundo os cafeicultores entrevistados. Para a maioria deles (83,3%), essa renda extra é destinada à própria lavoura (gráfico 04), pois o valor do café oscila a cada ano e depende de fatores externos, então acontece de eles terem que investir a renda das atividades externas nas plantações.

Gráfico 04- Renda obtida com atividades fora da propriedade familiar destinada à produção agrícola no bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.



Fonte: Trabalho de campo (agosto/2021).

Há ainda aqueles proprietários de terra que possuem emprego na cidade, que é o garante a maior parte da renda da família. Nesses casos são as mulheres precisam tomar frente nas atividades agrícola, contando com a ajuda dos filhos e outros familiares.

Eu faço faxina algumas vezes na semana na cidade e os outros dias eu vou conciliando para cuidar do café porque meu marido tem o serviço dele e me ajuda só aos finais de semana. Então, eu conto com a ajuda do meu pai, do meu filho. A gente vai se ajudando e fazendo dar certo (CAFEICULTORA 2).

De muitas formas, a pluriatividade está inserida no contexto das famílias do bairro Gomes. As atividades não-agrícolas encontradas nas famílias entrevistadas são: diaristas (25%), no caso das mulheres, trabalhando no próprio bairro ou na cidade; serventes de pedreiro e serviços em rede de hotelarias (25%), no caso dos homens. Além disso, a aposentadoria como forma de complementar a renda é representada por 4 pessoas desse grupo (50%). O total de 8 pessoas se referem ao número de cafeicultores entrevistados e aos seus conjugues, que juntos praticam a pluriatividade para complementar a renda da família (tabela 1).

Tabela 01- Atividades não agrícolas exercidas entre os moradores do bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.

Tipo de atividade	Quantidade	%
Diarista	2	25,0
Servente de pedreiro	1	12,5
Hotelaria	1	12,5
Aposentadoria	4	50
Total	8	100%

Fonte: Trabalho de campo (agosto/2021).

A proximidade com a cidade permite que eles permaneçam em um bairro rural, lugar em que se sentem a vontade, mas também tenham um emprego de carteira assinada que traga outros benefícios. Dessa forma, ainda podem praticar a agricultura nas horas vagas, ou também se dedicar exclusivamente a ela, a escolha fica a critério de cada morador.

6.2. A cafeicultura como geradora de renda ou herança cultural?

O trabalho na roça não deve ser romantizado, porque ele é uma atividade cansativa, que demanda muito da pessoa do campo nos serviços braçais e depende também dos fatores externos como a variação do clima, que pode comprometer toda a safra e também os anos posteriores.

A cafeicultura possui forte importância para o desenvolvimento da agricultura no Sul de Minas Gerais: “de todo o café produzido no Brasil, cerca de 30% ou quase 1/3 da produção sai das lavouras do Sul e Sudoeste de Minas”, o que “gera, ainda, cerca de 300 mil empregos diretos, somente na lavoura” (EPTV, 04/04/2017). Na cidade de Areado, segundo o último censo realizado pelo IBGE, 403 estabelecimentos agropecuários possuem 50 pés de café ou mais, e produzem 5.891 toneladas.

No caso da cafeicultura, praticada pela agricultura familiar, além das dificuldades advindas de políticas agrícolas que não auxiliam muito essa categoria de produtor, no inverno de 2021, os cafezais do Sul de Minas foram atingidos por fortes geadas, causando muito estragos e comprometimento da produção para a safra de 2022.

As geadas que ocorreram nos últimos dias no Sul de Minas causaram prejuízos nas lavouras da região. Segundo a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), haverá pouca produção de café no ano que vem já que as floradas foram prejudicadas. O prejuízo total ainda é avaliado por agrônomos, mas a Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (EPAMIG) já estima que possa ser 7 milhões de sacas de café para a produção de 2022 (EPTV, 22/07/2021).

Essa geada atingiu o município de Areado e, conseqüentemente o bairro rural Gomes, queimando parte de seus cafezais (figuras 11). De acordo com os entrevistados, a última vez que isso aconteceu, de forma tão intensa foi em 1994, ou seja, há quase 30 anos atrás. Todos os produtores de alguma forma tiveram prejuízo pela queima do café, alguns mais do que os outros.

Figura 11- Efeitos das geadas do inverno de 2021, no cafezal em uma propriedade rural, no bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.



Fonte: Larissa Bruna da Silva (2021) (Arquivo pessoal).

- A-** Antes da incidência da geada.
- B-** Depois da incidência de geadas.

Após o susto inicial, os cafeicultores reagiram de formas diferentes. Alguns já cortaram todo o café (figura 12), outros esperam a chuva pra ver se os estragos podem ser revertidos. Considerando que na safra de 2021, a produção não foi muito boa, a esperança deles era de que na próxima seria bem maior (isso ocorre por conta do café se caracterizar pela bienalidade: um ano produz muito e no outro não), que possuem compromissos com o dinheiro do café, por exemplo, financiamentos como o PRONAF e os próprios insumos utilizados na lavoura.

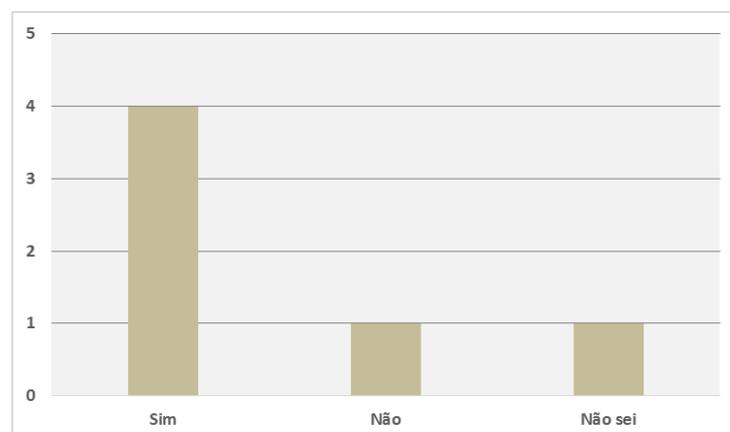
Figura 12- Pés de café erradicados depois da incidência de geadas, no inverno de 2021, em uma propriedade rural, no bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.



Fonte: Larissa Bruna da Silva (2021) (Arquivo pessoal).

Todos os cafeicultores entrevistados relataram sobre os prejuízos que a geada trouxe para as suas lavouras e sobre como impactarão a safra dos próximos anos, de forma a fazê-los pensar em desistir do ramo cafeeiro (gráfico 05). Os cafeicultores que não sabem, justificaram que aguardarão as próximas chuvas para calcular o real prejuízo das geadas, na esperança de não seja preciso erradicar seus pés de café, mas apenas podá-los, para que os prejuízos não sejam tão grandes.

Gráfico 05- A geada do inverno de 2021 como motivo para desistência da cafeicultura para os agricultores familiares no bairro rural Gomes, no município de Areado/MG.



Fonte: Trabalho de campo (agosto/2021).

Apesar da seca dos últimos anos e as fortes geadas, alguns dos entrevistados acreditam que conseguirão se sobressair a essas dificuldades para continuar praticando a agricultura, e caso isso não aconteça com o café nos próximos anos, eles podem investir em outras formas, seja cultivando o milho ou cuidando do gado.

Nasci no bairro, depois morei alguns anos na cidade e voltei. Aqui é onde me sinto bem. Quero que meus filhos cresçam da mesma forma que cresci, dando valor nas coisas simples, porque é disso que eu gosto. Tudo que temos está na roça, as vacas, os milhos e os cafés, eu preciso disso pra viver e criar meus filhos (CAFEICULTORA 3).

Os entrevistados que nasceram no bairro relatam que não enxergam uma vida na cidade pela falta de estudos, desde criança ajudavam seus pais nos trabalhos na roça, por isso não tinham tempo para frequentar as aulas. “Desde os 8 anos eu tinha que ajudar meu pai a trabalhar pra colocar comida na mesa, por isso não tirei nem a 4º série. Tudo que aprendi trabalhando com ele é o que eu faço até hoje, e tô ensinando pras minhas filhas agora” (CAFEICULTOR 1).

Eu nasci aqui e permaneci porque é um lugar muito tranquilo e bom de viver. Eu não tenho estudos e não via futuro na vida da cidade, por isso continuei trabalhando na roça. Meu filho se mudou pra cidade mas vem trabalhar aqui todos os dias, é o que ensinei ele a fazer e ele gosta, por isso quero que ele continue cuidando das nossas terras (CAFEICULTOR 5).

Há também que se levar em consideração o valor pessoal que cada agricultor deposita nessa cultura, pois eles trazem consigo as lembranças, as memórias que construíram ao lado de seus antepassados nas lavouras, com quem aprenderam o que hoje colocam em prática e passam para os mais jovens.

Tudo que eu faço na roça hoje eu aprendi com o meu pai. Ele foi um dos primeiros a trabalhar com o café aqui no bairro. Eu e meus irmãos éramos bem pequenos, mas já ajudávamos ele e essa recordação eu tenho muito forte até hoje porque meus filhos não tiveram a oportunidade de conhecer ele, mas conhecem o trabalho que ele fazia, que me criou e está ajudando a criar eles agora (CAFEICULTOR 4).

Apesar do sentimento de pertencimento aflorar nos entrevistados, alguns também reconheceram as dificuldades que a vida na roça traz e torcem para que os filhos tenham melhores chances. “Hoje é mais fácil pra conseguir estudar, eles tem computador e internet em casa, não precisam depender de trabalho na roça. Se quiserem arrumar um serviço na

cidade podem ficar na casa dos meus irmãos, ou até ir e voltar todo dia, é pertinho” (CAFEICULTOR 4).

Meu filho já faz curso de informática em Areado, uma vez na semana a gente leva ele. Várias crianças aqui do bairro fazem também. Ele gosta muito dessa área e sei que é uma boa oportunidade. Quem sabe mais pra frente ele faça uma faculdade relacionada. Se dependesse da minha vontade e do meu marido ele continuaria aqui na roça com a gente, mas sei que não é assim que as coisas funcionam e tenho que apoiar ele (CAFEICULTORA 3).

Mesmo naqueles que não possuem esse sentimento de herança passado de pai para filho, o café se tornou importante: “Eu me mudei pro bairro quando era criança, meu pai queria a vida sossegada da roça, um pedaço de terra pra mexer. Cresci aprendendo a mexer com terra também e hoje vivo da colheita do café” (CAFEICULTOR 6).

Mais uma vez o sentimento de pertencimento aflora em cada um dos moradores cafeicultores do bairro, uma vez que mesmo com todas essas dificuldades eles se sentem bem cultivando o café e motivados a superar os obstáculos. O sentimento de herança é forte entre cada um dos moradores, mas a renda do café continua fazendo com que permaneçam no cultivo.

Apesar das dificuldades encontradas pela agricultura familiar em continuar na prática da cultura do café, inclusive por conta das variações do clima, como as fortes geadas e a intensa seca, que também acomete a região, em 2021, o seu cultivo permanece no bairro, seja como a única fonte de renda ou complementar.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos termos abordados nessa pesquisa, agricultura familiar, bairro rural e pluriatividade, foi possível entender a realidade vivenciada das famílias cafeicultoras moradoras do bairro rural Gomes.

Por estar localizado ao lado de outros bairros rurais que possuem poucos habitantes e população idosa, o bairro Gomes acaba se destacando por continuar sendo bastante populoso. A permanência dessas famílias, que acontece pela proximidade com a cidade, possibilita aos moradores conciliarem o cultivo da agricultura com as práticas não-agrícolas, de forma que possam levar uma vida tranquila na roça e aumentar a renda com serviços na cidade.

Devido ao sentimento de pertencimento que esses moradores carregam consigo e o apreço pelas terras que receberam de herança dos seus antepassados, o cultivo do café se mantém com os cafeicultores do bairro, apesar de ter menor importância do que possuía há alguns anos atrás.

Como visto nos resultados do questionário aplicado junto aos cafeicultores, a maioria deles não consegue se manter exclusivamente com a renda obtida pelo café e ainda custear as despesas da safra, sendo preciso muitas vezes investir o dinheiro advindo das atividades não-agrícolas. Por isso, o café deixou de ser a única fonte de renda para essas famílias, tornando-se necessário praticar a pluriatividade, seja com outras atividades agrícolas ou não, para então manter as despesas da casa e continuar praticando a agricultura.

Apesar das geadas, da forte seca, da falta de incentivo do governo, dos altos preços dos insumos químicos e do baixo preço do café nos anos anteriores, essas pessoas continuam o cultivando café, por enxergar nele uma alternativa para complementar a renda mensal, dependendo na maioria das vezes das atividades não-agrícolas, em primeiro lugar.

Dessa forma, a agricultura torna-se uma forma de pluriatividade na vida dos cafeicultores entrevistados do bairro rural Gomes, pois a maioria deles ainda o pratica como atividade de segundo plano, diferente da forma esperada no começo dessa pesquisa, que seria as atividades não-agrícolas complementando a renda das atividades agrícolas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e uso do solo. **São Paulo em Perspectiva**. v. 11, n. 2, Abr./Jun./1997, p.73- 78. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v11n02/v11n02_08.pdf. Acesso em 27 ago. 2021.
- ALAGO – Associação dos Municípios do Lago de Furnas. **Leitura Técnica**. Plano Diretor de Areado. Alfenas: FACEPE/UNIFAL-MG, 2006.
- Base da economia no Sul de Minas, café movimentou R\$ 7 bilhões ao ano. **EPTV G1**, 04 ago. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/grao-sagrado/noticia/2017/04/base-da-economia-no-sul-de-minas-cafe-movimentou-r-7-bilhoes-ao-ano.html>. Acesso em: 05 out. 2021.
- BOMBARDI, L. M. O Bairro Rural como Identidade Territorial: a especificidade da abordagem do campesinato na geografia. **Agrária**, n. 1, 2004, p. 55-95. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/agraria/article/view/76>. Acesso em: 14 mai. 2020.
- CARNEIRO, M. J. A história oral como instrumento no desenvolvimento e elaboração da pesquisa. **Boletim de Geografia**, v. 30, n. 2, p. 121-131, 2 jul. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/11325>. Acesso em: 24 ago. 2021.
- CARNEIRO, M. J. A pluriatividade na agricultura familiar. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 19, outubro, 2002: 176-183.
- CAVALCANTI, F. R. Extensão e datas de abertura dos trilhos da Linha de Cruzeiro a Tuiuti. **Centro-Oeste**. Disponível em: <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias-historia/1944-datas-abertura-trilhos/RMV-Linha-Cruzeiro-Tuiuti-ex-Minas-Rio.shtml>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- Geadas no Sul de MG podem elevar preços do café para safra de 2022. **EPTV G1**, 22 jul. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2021/07/22/geadas-no-sul-de-mg-podem-elevar-precos-do-cafe-para-safra-de-2020-entenda.ghtml>. Acesso em: 24 ago. 2021.
- HALLEY, B. M. Bairro rural/bairro urbano: uma revisão conceitual. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 577-593, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/82793>. Acesso em: 09 set. 2021.
- HENIG, E. V. Reflexões sobre trabalho e pluriatividade na agricultura familiar. **Revista Direitos, Trabalho e Política Social**. Cuiabá, v. 5, n. 9, p. 129-148, Jul./Dez 2019. Disponível em: <http://revista91.hospedagemdesites.ws/index.php/rdtps/article/view/208>. Acesso em: 09 set. 2021.
- IBGE CIDADES. Panorama sobre Areado. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/areado/panorama>. Acesso em: 27 jul. 2021.
- LIVRO TOMBO da Paróquia São Sebastião, Areado/MG. Arquivo da Cúria Diocesana de Guaxupé, s.d.

- LOURENÇO, V. C. **A pluriatividade nas unidades de produção familiar no bairro rural Canta Galo - Areado (MG)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). 2010. 64 f. Universidade Federal de Alfenas, 2010.
- MARTINS, F. S. T. **Os efeitos socioeconômicos da usina Monte Alegre sobre o município de Areado-MG: um estudo sobre a geração de empregos**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). 2010. 50 f. Universidade Federal de Alfenas, 2014.
- MATTEI, L. Pluriatividade no Contexto da Ruralidade Contemporânea: Evolução Histórica dos Debates sobre o Tema. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 39, n. 3, jul.-set. 2008. Disponível em: <https://www.hubine.com.br/revista/index.php/ren/article/download/475/378>. Acesso em 08 set. 2021.
- MOREIRA, E. V. **As múltiplas fontes de renda e a pluriatividade nos Bairros Aeroporto, Cedro, Córrego da Onça, Ponte Alta e Gramado no Município de Presidente Prudente-SP**. Presidente Prudente, 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista – Campus de Presidente Prudente, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/96750>. Acesso em 08 set. 2021.
- MUSEU MUNICIPAL Monsenhor Faria de Areado. Documentos mimeografados, sd.
- OLIVEIRA, A. R. **Bairros rurais de Anhumas-SP: espaço, história e organização**. Tese (Doutorado em Sociologia). 210 f. Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/106264>. Acesso em 08 set. 2021.
- PLOEG, J. D. V. D. Dez qualidades da agricultura familiar. **Agriculturas: experiências em agroecologia** Rio de Janeiro: AS-PTA, n. 1, fev. 2014. Disponível em: http://aspta.org.br/files/2014/02/Agriculturas_Caderno_Debate-N01_Baixa.pdf. Acesso em 09 set. 2021.
- SACCO DOS ANJOS, F. Pluriatividade e ruralidade: enigmas e falsos dilemas. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n.17, p.54-80, out. 2001. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/198>. Acesso em: 28 jun. 2021.
- SCHNEIDER, S.; CASSOL, A. Diversidade e heterogeneidade da agricultura familiar no Brasil. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 227-263, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/20857>
<https://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/20857>. Acesso em 09 set. 2021.
- SCHNEIDER, S. Teoria Social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 18 (51) Fev. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092003000100008>. Acesso em 09 set. 2021.
- SILVA, S. P. Agricultura familiar e território: aspectos conceituais e analíticos sobre a multifuncionalidade e a pluriatividade. **Campo-Território: revista de geografia agrária**, v. 11, n. 22, p. 243-270, abr., 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/31849>. Acesso em 09 set. 2021.
- SOUZA, V. F. Agricultura familiar: permanência e/ou resistência num bairro rural de Araraquara-SP. 2002. 121p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas,

Faculdade de Engenharia Agrícola, Campinas, SP. Disponível em:
<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/257295>. Acesso em 09 set. 2021.

WANDERLEY, M. N. B. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 11, n. 2, número 21, outubro de 2003. Disponível em:
<https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/238>. Acesso em 09 set. 2021.

**APÊNDICE 1 – Roteiro de entrevista com os moradores mais antigos do bairro rural
Gomes**

- 1) O senhor (a) ainda mora no bairro? Por quê? E a sua família?
- 2) O senhor (a) se recorda como era o bairro no começo?
- 3) Recorda-se como se deu a fixação das primeiras residências no bairro?
- 4) Quais eram as famílias que viveram no bairro naquela época? Quais ainda permanecem no bairro até hoje?
- 5) Quais as principais atividades exercidas naquela época no bairro? Que culturas plantavam? Tinham hortas, criação de galinha, porcos, gado de leite? E hoje?
- 6) No passado havia muitas as famílias que plantavam café no bairro? Por que acha que hoje restaram poucas?
- 7) Além de trabalharem na propriedade de vocês, também trabalhavam para outros proprietários? Como era o pagamento? E hoje?
- 8) Tinha famílias com outra renda familiar, além da agricultura?
- 9) Havia festas religiosas no bairro? Como eram? O que mudou pras festas religiosas de hoje?
- 10) Qual é a importância da igreja para o bairro? Por quê? Quem a construiu?
- 11) Lembra quando foi construída a escola? Que foi responsável por isso? Seus filhos e netos estudaram lá?
- 12) Com que frequência vocês visitavam a cidade? Visitavam mais Areado ou Alterosa? Por quê? O que costumavam comprar lá? E hoje?
- 13) Existem opções de lazer para os jovens no bairro? Antigamente existia? Quais eram?
- 14) Quais as mudanças que o senhor (a) destaca que ocorreram no bairro com o tempo? Porque elas ocorreram?
- 15) Como o senhor (a) vê o bairro hoje, melhorou ou piorou com relação ao passado? E no futuro, como acha que será?
- 16) Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre o bairro?

APÊNDICE 2 – Roteiro de entrevista com os cafeicultores do bairro rural Gomes

GRUPO FAMILIAR

1. Qual o tamanho da propriedade rural?
2. Quais as atividades rurais desenvolvidas na propriedade?
 - () agrícola. Quais?
 - () pecuária
 - () outras atividades (não agrícolas). Quais?
3. Qual é a mais importante para a renda familiar?
4. As outras atividades são:
 - () comercializadas. Quais?
 - () para subsistência. Quais?
 - () ambas. Quais?
5. Quantos membros existem na família?
6. Todos os membros da família se dedicam à agricultura da propriedade?
 - () sim. Quantos?
 - () não. Quantos?
7. Algum membro da família que reside na propriedade exerce atividade externa?
 - () não
 - () sim

Membro	Profissão	Local de trabalho	Renda	Há quanto tempo trabalha nessa atividade	Vantagens

Qual é a participação deles no orçamento da família?

- () auxilia nas despesas da família

Qual a proporção?

- somente para gastos pessoais. Quais?
- não participa do orçamento familiar

8. Se algum membro da família trabalha na cidade, a maior parte da renda familiar é obtida com:

- atividade agropecuária.
- atividade urbana.

9. Qual a sua condição em relação às terras:

- proprietário
- arrendatário
- parceiro
- ocupante
- outro

10. Qual é a renda familiar mensal?

- menos de 1 SM
- até 1 SM
- de 1 a 3 SM
- de 3 a 5 SM
- de 5 a 10 SM
- mais de 10 SM

11. A família considera que possui boas condições de vida?

- sim
- não

Por quê?

Na lavoura trabalham:

- somente os membros da família
- membros da família e trabalhadores contratados
- somente trabalhadores contratados

12. Que tipos e quantos trabalhadores são contratados na propriedade para a lavoura?

- trabalhador rural permanentes (formal). Quantos?
- trabalhador rural temporário (formal). Quantos?
- trabalhador rural temporário (informal). Quantos?

13. Os trabalhadores permanentes, na sua maioria?

Têm origem:

- do município de Areado
- de outros(s) município(s)

Moram:

- na propriedade

() em outra propriedade

() na cidade

14. Quais e quantos maquinários e/ou implementos agrícolas existem na propriedade?

Maquinários e/ou implementos agrícolas	Quantidade	Situação de pertencimento	
		Próprio	Emprestado
Tratores			
Caminhões			
Colheitadeiras			
Roçadeiras			
Adubadeiras e/ou distribuidoras de calcário			
Grades e/ou enxadas rotativas			
Pulverizadores e/ou atomizadores			
Grades e/ou enxadas rotativas			
Pulverizadores e/ou atomizadores			
Derriçadeira manual motorizada			
Abanadora mecânica			
Lavador-separador mecânico			
Descascador e despulpador mecânico			
Secador de café			
Beneficiadora de café			
Ensacador de café			
Outros:			

15. Utiliza qual (is) tipos de insumo químico?

16. Adquire créditos para financiar os custos de sua produção?

() sim

() não

Por quê?

17. O financiamento é satisfatório?

() sim

() não

Por quê?

18. Está inscrito em algum programa governamental de ajuda financeira que auxilia no desenvolvimento de alguma atividade?

- não
- sim. Qual (is)?
- Pronaf. É satisfatório?
- Outro. É satisfatório?

19. Com a renda obtida na lavoura, o produtor consegue pagar todas as despesas com a lavoura e colheita e manter as necessidades básicas da família:

- sim
- não. Por quê?

CAFEICULTURA

20. Qual o tamanho da área destinada à lavoura de café?

21. Quantos pés de café existem aproximadamente?

22. Quantas sacas de café foram colhidas em 2020?

23. Há quantos anos possuem lavouras de café?

24. O beneficiamento do café é feito:

- na propriedade com maquinários próprios
- na propriedade com serviço terceirizado
- na cooperativa
- outra forma.
- não faz beneficiamento (vende café em coco)

25. O armazenamento do café é feito:

- no barracão existente na propriedade
- no barracão em outra propriedade rural
- no barracão do armazém geral
- no barracão da cooperativa
- outra forma.

26. Onde é comercializada a produção?

- Cooperativa. Qual? Tem oferecido boa assistência técnica e/ou financeira?
- Outra. Qual?

27. Você acha que está muito difícil cultivar café?

não

sim.

Por quê?

28. Pensa em continuar produzindo café pelos próximos anos?

sim

não. O que pretende fazer?

29. Na propriedade há outra (s) fonte (s) de RENDA(s), além das atividades agropecuárias?

Quais?

Apenas rendas de Atividades Agrícolas

Renda de Atividades Agrícolas e Não Agrícolas

Apenas Rendas de Atividades Não Agrícolas (fora da propriedade)

Rendas obtidas na Propriedade em atividades Não-Agrícolas (beneficiamento, artesanato etc.)

Rendas das Transferências Sociais (aposentadorias etc.)

Outras Rendas (aluguel, juros)

Ajudas diversas (bolsa escola etc.)

Rendas Eventuais ou de Trabalhos Temporários

30. Alguma parte da renda obtida fora da propriedade é destinada para a agricultura ou para a aquisição de algum bem destinado a atividade agrícola?

sim. Qual a principal destinação?

não

esporadicamente

31. Participa de alguma organização coletiva (associação, sindicato)

sim. Qual?

não

32. As geadas desse ano atingiram a sua plantação?

sim. De que forma? Vai te fazer desistir da cafeicultura?

não

BAIRRO RURAL

33. Você nasceu nesse bairro? Por quais motivos permaneceu vivendo nele?

34. Pretende que seus filhos deem continuidade à propriedade? Por quê?

35. Gostaria de comentar mais alguma coisa?